

CONVERGÊNCIA

Dezembro 2003 Ano XXXVIII nº 368

ISSN 0010-8162



- ◆ Pressupostos teológicos para “contemplar” a vida de Jesus
- ◆ Os messianismos na Bíblia
- ◆ Recordar é reviver
O sexênio 1995-2001 na trajetória de 50 anos da CRB
- ◆ A espiritualidade do idoso na Bíblia



CRB

Sumário

EDITORIAL	577
PALAVRA DO PAPA	581
INFORME CRB	584
ARTIGOS	590
Pressupostos teológicos para 'contemplar' a vida de Jesus	590
CARLOS PALÁCIO, SJ	
Os Messianismos na Bíblia	603
LUIS I. J. STADELMANN, SJ	
Recordar é reviver	
O sexênio 1995-2001 na trajetória de 50 anos da CRB	615
PE. JOÃO ROQUE ROHR, SJ	
A espiritualidade do idoso na Bíblia	628
FREI JACIR DE FREITAS FARIA, OFM	
Índice Alfabético por Autor – Convergência, Ano de 2003	637

A ilustração da capa da Convergência 2003 é uma cópia da obra EMAÚS - serigrafia, do artista sacro Cláudio Pastro. O quadro chama atenção para a centralidade do seguimento de Jesus na Vida Religiosa e para a celebração do Ano Vocacional.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:

Ir. Romi Auth, FSP
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitória, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

LetraCapital Editora

Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ

Tel. (21) 2215-3781

Fax (21) 2224-7071

E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n° P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura	Brasil: R\$ 80,00
Anual	Exterior: US\$ 85,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)
para 2003	Número avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8.50

Editorial

O Dom do Natal

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

Dezembro é um mês que se presta a "balanços", retrospectivas e prospectivas. De um modo ou de outro, as pessoas e as instituições tratam de avaliar projetos empreendidos, agenda cumpridas, metas alcançadas ou frustradas, compromissos levados a bom termo ou interrompidos a contra-gosto, enfim, caminhos percorridos, nas várias direções da existência individual ou coletiva. Das avaliações brotam novas metas e se abrem horizontes ainda não explorados. A visão se amplia na perspectiva do futuro, do novo ano que se anuncia, com a sua previsível rotina, mas também com as suas incógnitas, surpresas e sobressaltos.

Na economia de mercado que rege a sociedade atual, ganhos e perdas são contabilizados a partir dos já conhecidos critérios da competitividade, da eficiência, da acumulação e do lucro. Os indicadores financeiros e macro-econômicos definem com exatidão os *ganhadores* e os *perdedores* de turno. Definem também os que vão ficar fora do *jogo*, aqueles que irremediavelmente

passarão a aumentar a já incalculável *massa* dos excluídos.

Nessa ótica, 2003 deixa um pesado saldo negativo. Graves problemas cuja resolução é fundamental para a convivência humana e a vida do Planeta continuam sem perspectiva de solução efetiva, e o que é pior, com tendência a se agravarem. Na opinião de alguns estudiosos, no atual sistema de economia de livre mercado, duas tendências estruturais ameaçam conduzir ao caos: – o fenômeno da crescente exclusão social e a agressão incontrolada à natureza. Tendo como base o Informe de Anistia Internacional de 2001, foi dito recentemente, com extrema lucidez, que a paz mundial está ameaçada cada vez mais por dois bilhões de pessoas que simplesmente estão *de mais*, estão "*sobrando*". Nessa mesma perspectiva da ameaça do caos, outro fato inquietante no "balanço" de 2003 é a desconstrução da esperança no imaginário das pessoas, especialmente no imaginário popular. Esse fato tem manifestações plurais e parece constituir uma necessidade

estrutural da “Nova Ordem Internacional”. Suas conseqüências são imprevisíveis porque é corrosivo da capacidade de resistência do povo, da sua criatividade, da sua iniciativa política, da sua espiritualidade. Ao mesmo tempo, deslegitima toda teoria crítica e toda visão utópica. A esses fatores, soma-se a escalada da violência plurifacética, inclusive aquela de viés religioso, tornando mais sombria a ameaça do caos.

Nessas condições não haveria muito que comemorar nesta virada de mais um ano do novo milênio. Não se pode, porém ignorar a outra face da realidade, ou seja, aqueles fatos, movimentos, mobilizações e tendências que estão aí, tratando de encontrar rumos alternativos para o futuro da humanidade, num ingente “mutirão” de solidariedade, de não violência, de reconstrução da esperança, de preservação da natureza. O Fórum Social Mundial, com a mobilização provocada e as alternativas propostas é, talvez uma das manifestações mais expressivas dessa outra face da realidade.

É nessa complexa conjuntura mundial, nessa nova encruzilhada histórica, onde a visão bíblica da esperança joga um papel de capital importância e pode ajudar as pessoas de boa vontade e a própria Vida Religiosa a não perder perspectiva. É aqui onde a metáfora paulina do esperar contra toda esperança deve ser re-lida e re-interpretada. De fato, a esperança a que o Apóstolo se refere nesta e noutras passagens de suas cartas, não é uma esperança fácil nem evidente. Pelo contrário, trata-se de uma esperança que nasce precisamente

quando caem por terra todas as seguranças humanas; quando tudo parece ter chegado ao fim – “o fim da história” –; quando todos os caminhos parecem ter-se transformado num “beco sem saída”; quando não se vê nenhuma luz no fim do túnel; quando acreditar na Utopia é tido como insensatez.

Nessa complexa conjuntura mundial de hoje, a Vida Religiosa está chamada a ser testemunho de esperança e a contribuir para sustentar a esperança dos pobres e dos pequenos; a se comprometer para que “a mecha que ainda fumeja” não seja apagada. Esse dom da esperança é o dom por excelência do Natal, porque em Jesus – “nossa esperança” – toda esperança humana encontra visibilidade e expressividade histórica. Que esse dom chegue em abundância a todas as Comunidades, neste Natal de 2003.

O presente número de Convergência – último do ano – quer ser para os leitores um valioso instrumento de animação e dinamização do seu compromisso de seguir Jesus destemidamente, em meio às vicissitudes da história. O conteúdo dos artigos é rico e desafiador. Vale a pena conferir.

O artigo de Carlos Palácio, SJ – “Como relacionar-se com Jesus Cristo hoje? Pressupostos teológicos para contemplar a vida de Jesus” – é um excelente texto cristológico, na perspectiva dos “Exercícios Espirituais” inacianos. O texto é bem elaborado e escrito com a mordência característica do autor. É particularmente apto a iluminar a reflexão sobre uma dimensão fundamental da vida de religiosos e religiosas, ou

seja, seu relacionamento com Jesus Cristo. O autor parte de uma questão "pastoral" – os itinerários de acesso a Jesus –, tratando de caracterizar esses itinerários de maneira sucinta e inspiradora. É uma abordagem de cunho existencial e descritivo, que tem em conta a experiência de cristãos e cristãs de hoje. Na segunda parte do artigo, o autor trata a vertente propriamente teológica do tema, lembrado que "o primeiro problema da cristologia é o enigma que a vida de Jesus levanta e o que ela significa", e articulando a reflexão em torno a dois eixos; – a estruturação da fé em Jesus Cristo e o discernimento teológico dos itinerários. Na parte final do artigo, trata questões relativas à cristologia "vívica" dos Exercícios Espirituais e conclui afirmando que a existência cristã não é, em primeiro lugar, aceitação de verdades, nem observância de regras ou preceitos, mas adesão a uma pessoa – a de Jesus – no serviço a Deus e aos irmãos, conforme a frase lapidar de Inácio de Loyola: "Em tudo amar e servir". O artigo tem particular atualidade nesta época do ano em que celebramos o grande evento do Natal de Jesus.

Luis Stadelmann, SJ, no seu artigo – "Os Messianismos na Bíblia" – apresenta uma reflexão de caráter bíblico-teológico sobre o título "Messias", atribuído a Jesus na Bíblia. O autor articula seu texto em torno aos vários significados que a expressão Messias tem na Escritura, desenvolvendo com competência e erudição cada um dos seis tipos de messianismo encontrados na Bíblia. Na última parte, o texto trata da questão do messianismo na cristologia.

Afirma que "as esperanças messiânicas do AT receberam um novo enfoque no NT porque as expectativas tradicionais eram demasiadamente restritas aos anseios dos fiéis do povo de Israel. A partir do momento em que o cristianismo incorporou os gentio-cristãos, convertidos do paganismo e por isso pouco familiarizados com a tradição messiânica dos judeu-cristãos, as esperanças messiânicas veterotestamentárias transformaram-se em afirmações cristológicas cristãs. Abriu-se um horizonte mais amplo para o cumprimento dessas esperanças, enquadradas no âmbito da história dos povos do mundo inteiro e não apenas do povo israelita e de suas comunidades de fiéis, localizadas fora da Palestina. Surgiu assim uma compreensão tipicamente cristã do Messias e de seu papel de mediador de salvação". Assim como o artigo de Carlos Palácio, este artigo tem peculiar interesse dentro do marco litúrgico do Natal.

"Recordar é viver... O sexênio 1995 – 2001 na trajetória dos 50 anos da CRB" – de João Roque Rohr, SJ, Presidente na CRB nesse período, é um texto de caráter narrativo, sumamente oportuno e interessante dentro do marco comemorativo do Jubileu de Ouro da Conferência dos Religiosos do Brasil. Pensando, sobretudo naqueles que conhecem menos o itinerário histórico da Conferência e nas novas gerações, o autor apresenta fatos e dados, utilizando como expediente mnemotécnico e didático, a metáfora das telas do computador e dando, assim, uma visão abrangente e rica desse período da história recente da CRB. A observação que

o autor faz antes de começar a abrir as "telas" é importante e pertinente: "pretendo ser inteiramente objetivo, sem julgamentos subjetivos e comparações inadequadas, respeitando, contudo, interpretações divergentes, num jubiloso respeito pelo diferente. Alerto, apenas, para o fato de que o sexênio em foco foi precedido por 41 anos de História desde a fundação da CRB, com todos os altos e baixos relevos que toda instituição carrega consigo. Sua História passou a ser a nossa História, quer pessoal, quer congregacional, porque nos identificamos com a sua natureza, sua finalidade e seus objetivos de animar, articular, coordenar e promover a Vida Religiosa no Brasil". As "telas" que se sucedem no texto são a fiel recomposição da memória desses anos, abrangendo as diferentes dimensões da vida e da missão da CRB, inserida num peculiar contexto social e eclesial. O texto está escrito com objetividade e entusiasmo ao mesmo tempo. Merece ser lido, estudado e aprofundado nas comunidades no momento em que, como "família CRB", rendemos graças a Deus pelo caminho percorri-

do e pelos seus abundantes frutos.

Fr. Jacir de Freitas Faria, OFM, no seu artigo - "A espiritualidade do idoso na Bíblia", apresenta uma reflexão bíblica sobre a situação e o perfil das pessoas idosas, sobre sua situação na sociedade de então, sobre as exigências legais em relação a elas e o papel que delas se esperava. Analisar os textos bíblicos referentes a esta questão é, para o autor, "como uma caixa de surpresa que nos reserva descobertas inusitadas". O texto focaliza os aspectos mais relevantes dos textos bíblicos: o perfil do idoso; a honra de ser idoso; a desonra de ser idoso; a obrigação de honrar os pais idosos. Refere-se ainda à figura de São José, aduzindo alguns relatos dos apócrifos. O autor conclui lembrando que a velhice é mais uma etapa da vida, onde Deus continua acompanhando e sustentando cada um dos seus filhos e filhas. O ano dedicado ao idoso pela Campanha da Fraternidade da Igreja do Brasil terminou. Não deve terminar, porém o cuidado da sociedade e das pessoas em geral em relação com os idosos e sua peculiar situação.

Homilia do Papa João Paulo II durante o solene rito de Beatificação de Madre Teresa no Dia Missionário Mundial

Domingo, 19 de outubro de 2003

1. *"Quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se servo de todos"* (Mc 10,44). Estas palavras de Jesus aos discípulos, que ressoaram há pouco nesta praça, indicam qual é o caminho que leva à "grandeza" evangélica. É o caminho que o próprio Cristo percorreu até a Cruz; um itinerário de amor e de serviço, que inverte qualquer lógica humana. *Ser o servo de todos!*

Madre Teresa de Calcutá, Fundadora dos Missionários e das Missionárias da Caridade, que hoje tenho a alegria de inscrever no Álbum dos Beatos, deixou-se guiar por esta lógica. Estou pessoalmente grato a essa mulher corajosa, que senti sempre ao meu lado. *Ícone do Bom Samaritano*, ela ia a toda a parte para servir Cristo nos mais pobres entre os pobres. Nem conflitos nem guerras conseguiam ser um impedimento para ela.

De vez em quando vinha falar-me das suas experiências ao serviço dos valores evangélicos. Recordo, por exemplo,

as suas intervenções a favor da vida e contra o aborto, também quando lhe foi conferido o prêmio Nobel pela paz (Oslo, 10 de dezembro de 1979). Costumava dizer: "Se ouvirdes que alguma mulher não deseja ter o seu menino e pretende abortar, procurai convencê-la a trazer-mo. Eu amá-lo-ei, vendo nele o sinal do amor de Deus".

2. Não é significativo que a sua beatificação se realize precisamente no dia em que a Igreja celebra o *Dia Missionário Mundial*? Com o testemunho da sua vida, Madre Teresa recorda a todos que a *missão evangelizadora da Igreja passa através da caridade*, alimentada na oração e na escuta da palavra de Deus. É emblemática deste estilo missionário a imagem que mostra a nova Beata que, com uma mão, segura uma criança e, com a outra, desfia o Rosário.

Contemplação e ação, evangelização e promoção humana: Madre Teresa proclama o Evangelho com a sua vida *inteiramente doada aos pobres*

mas, ao mesmo tempo, *envolvida pela oração*.

3. *"Quem quiser ser grande entre vós faça-se Vosso servo"* (Mc 10,43). É com particular emoção que hoje recordamos Madre Teresa, grande serva dos pobres, da Igreja e do Mundo inteiro. A sua vida é um testemunho da dignidade e do privilégio do serviço humilde. Ela escolheu ser não apenas *a mais pequena*, mas *a serva dos mais pequeninos*. Como mãe autêntica dos pobres, inclinou-se diante dos que sofriam várias formas de pobreza. A sua grandeza reside na sua capacidade de doar sem calcular o custo, de se doar "até doer". A sua vida foi uma vivência radical e uma proclamação audaciosa do Evangelho.

O brado de Jesus na cruz, "Tenho sede" (Jo 19,28), que exprime a profundidade do desejo que o homem tem de Deus, penetrou no coração de Madre Teresa e encontrou terreno fértil no seu coração. *Satisfazer a sede que Jesus tem de amor e de almas*, em união com Maria, Sua Mãe, tinha-se tornado a única finalidade da existência de Madre Teresa, e a força interior que a fazia superar-se a si mesma e "ir depressa" de uma parte a outra do mundo, a fim de se comprometer pela salvação e santificação dos mais pobres.

4. *"Sempre que fizestes isto a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes"* (Mt 25,40). Este trecho do Evangelho, tão fundamental para compreender o serviço de Madre Teresa aos pobres, estava na base da sua convicção, cheia de fé que, *ao tocar os corpos enfraquecidos dos pobres*

tocava o corpo de Cristo. O seu serviço destinava-se ao próprio Jesus, escondido sob as vestes angustiantes dos mais pobres. Madre Teresa realça o significado mais profundo do serviço: um gesto de amor feito aos famintos, aos sequiosos, aos estrangeiros, a quem está nu, doente, preso (cf. Mt 25,34-36), é feito ao próprio Jesus.

Ao reconhecê-LO servia-O com grande devoção, exprimindo a delicadeza do seu amor sponsal. Assim, no dom total de si a Deus e ao próximo, Madre Teresa encontrou a sua satisfação mais nobre e *viveu as qualidades mais elevadas da sua feminilidade*. Desejava ser um "sinal do amor de Deus, da presença de Deus, da compaixão de Deus" e, desta forma, recordar a todos o valor e a dignidade de cada filho de Deus "criado para amar e para ser amado". Era assim que Madre Teresa "levava as almas para Deus e Deus às almas", aliviando a sede de Cristo, sobretudo das pessoas mais necessitadas, cuja visão de Deus tinha sido ofuscada pelo sofrimento e pela dor.

5. *"Porque o Filho do Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos"* (Mc 10,45), Madre Teresa partilhou a paixão do Crucificado, de modo especial durante longos anos de "obscuridade interior". Aquela foi a prova, por vezes lancinante, acolhida como um singular "dom e privilégio".

Nos momentos mais difíceis ela recorria com mais tenacidade à oração diante do Santíssimo Sacramento. Esta difícil angústia espiritual levou-a a *identificar-se cada vez mais com aqueles que*

servia todos os dias, experimentando o sofrimento e por vezes até a recusa. Gostava de repetir que a maior pobreza é não sermos desejados, não ter ninguém que se ocupe de nós.

6. *"Dai-nos, Senhor, a Vossa graça, em Vós esperamos!"*. Quantas vezes, como o Salmista, também Madre Teresa, nos momentos de desolação interior, repetiu ao seu Senhor: "Em Vós, meu Deus, em Vós espero!"

Prestemos honra a esta *pequena mulher apaixonada por Deus*, humilde mensageira do Evangelho e infatigá-

vel benfeitora da nossa época. Aceitemos a sua mensagem e sigamos o seu exemplo.

Virgem Maria, Rainha de todos os Santos, ajuda-nos a ser mansos e humildes de coração como esta intrépida mensageira do Amor. Ajuda-nos a servir com a alegria e com o sorriso todas as pessoas que encontramos. Ajuda-nos a ser missionários de Cristo, nossa paz e nossa esperança.

Amém!

Joannes Paulus n. II

**“Quem quiser ser o primeiro entre vós,
faça-se servo de todos”**

(Mc 10,44)

Informe CRB

1. V Encontro de Missionárias/os Brasileiras/os na Bolívia

Local: Santa Cruz de La Sierra – Bolívia

Data: 05 a 07 de setembro de 2003

Participantes: 45 Religiosas/os Missionárias/os pertencentes a 18 Congregações.

Idealizador dos encontros: Pe. Ubajara – Mato Grosso.

Convidados: Presidente da CRB – Ir. Maris Bolzan, SDS

Diretor das POM – Pe. Daniel Langhi

Geral: Ir. Francisca – Irs. Beneficência Popular

Provincial: Ir. Cristina Souza e Ir. Maria Queiroz, Conselheira – CICAF Provincial Irs. Carlistas – Ivete Bordignon.

Congregação: S. Pedro ad Vincula: Pe. Jesus, Ir. Marco e Roberto.

Irmãs da Sagrada Família: Ir. Marinete (Sup. Regional) e Ir. Regina

Conselheira Provincial, Ir. Justina – Filhas do S.C.J

Presença ocasional: Ir. Reys – Presidente da CRB Regional de Santa Cruz.

Equipe de Coordenação Geral: conduziu o encontro, auxiliada por outras **equipes de serviços** como, acolhida, animação, ornamentação, alimentação, espiritualidade, lazer, etc.

Objetivos do encontro

- Oportunizar um tempo forte de partilha, convivência, descanso, reencontro e atualização.
- Propiciar um espaço para colocar em comum as experiências da vida missionária na Bolívia e intensificar a intercongregacionalidade em vista da missão.
- Favorecer a oportunidade de reconhecimento mútuo e de criar novas articulações para fazer frente ao processo de desumanização em andamento.
- Refletir e partilhar a contribuição no

processo de refundação, como missionárias e missionários, revitalizando o carisma fundacional.

Chegando ao aeroporto, Pe. Loacir Luvizón – MSF – aguardava nossa chegada. Foi muito bom ser recebida por uma pessoa amiga. Na mesma noite, fomos participar da inauguração de um Centro Integrado feito em parceria entre três Congregações.

A Equipe de Coordenação fez uma calorosa acolhida a cada uma e a cada um. A bandeira do Brasil, na esquina, servia de alerta para quem ainda não conhecia bem o lugar do encontro. Tudo foi feito na simplicidade da vida missionária, mas com muita alegria e festa. Era impossível não se sentir bem-vinda e muito esperada. O almoço delicioso e saudável (alimentação natural alternativa), era preparado, com esmero e competência, por três mulheres que haviam sido capacitadas pelas Irmãs ICM.

No início da tarde do dia 05/07, a Coordenação convidou o grupo para uma celebração de abertura que foi muito significativa e bem participada revelando o clima do grupo. A dinâmica de apresentação das/os participantes por Congregação Religiosa favoreceu o conhecimento *“quem é quem”* e ao mesmo tempo permitiu fazer um mapeamento – situando as comunidades religiosas nos diversos recantos da Bolívia (Santa Cruz, Puerto Suárez, Potosi, Cochabamba, Riberalta La Paz, Beni, Guayaramerín...). Ali está a presença da vida religiosa, na sua grande maioria feminina, anunciando e testemunhando a Palavra libertadora.

À luz da Palavra, cada comunidade

partilhou o que foi mais significativo e marcou o caminho de refundação da própria vida consagrada missionária. Através da partilha, percebemos que a espiritualidade – mística, impulsiona e alimenta a paixão pela missão que leva a uma prática missionária na co-responsabilidade, na intercongregacionalidade, na gratuidade e no despojamento. Encontramos outras formas de alianças, parcerias solidárias e soma de esforços, entre as/os missionários. O clima de simplicidade, sororidade e fraternidade reverentes, demonstram a busca conjunta e a construção de outro jeito de viver, marcado pela justiça e a solidariedade.

A localização das comunidades religiosas na Bolívia atesta a escolha preferencial pelos pobres, sobretudo os indígenas – esquecidos pelos órgãos públicos vivem em situações desumanas e de risco, sem mencionar a onda migratória *“mobilidade humana”* que cresce a cada dia, agravando a situação. Os desafios são inúmeros e muito diversificados. Percebemos que a presença das/os missionárias/os brasileiras/os marcam a caminhada eclesial e social da Bolívia.

A partilha da caminhada da nossa Conferência – CRB – foi muito apreciada, tendo como pano de fundo a celebração do Jubileu: ***“CRB 50 anos – Testemunho, Profecia e Esperança”***.

Nossas irmãs e irmãos, felizes e atualizados, agradecem nossa presença e partilha. Para mim também, essa foi uma experiência – *inesquecível e revitalizadora* – da graça.

A presença de Pe. Daniel, testemunha a missionariedade da Igreja – a

evangelização é responsabilidade de todas. Bolívia é uma terra de missão com inúmeras situações de fronteira.

Ao Pe. Ubajara, o idealizador desse encontro, nossa estima e apreço, pois revela o quanto seu coração é missionário e como é grande seu cuidado pela cultivo das/os missionárias/os.

Como preparação das e dos missionárias e missionários, no sentido da inculturação, foi sugerido que, além do Curso *Ad Gentes* oferecido pelo *Centro Cultural Missionário de Brasília*, lhes seja proporcionado o *Curso Anual de Introdução à Realidade Boliviana* organizado pela Comissão Episcopal de Missões. **Objetivo:** Oferecer às/aos missionárias/os que che-

gam à Bolívia, uma introdução à realidade nacional, cultural e pastoral para facilitar sua integração na Igreja da Bolívia e seu compromisso com o povo. Tal curso acontece na Casa Fátima-Dom Bosco em Cochabamba

Ficou marcado o próximo encontro para 09 a 11 de setembro de 2005. A Coordenação a cargo das Irmãs Carlistas, Filhas do Sagrado Coração de Jesus e os Padres da Sagrada Família. Local a ser definido.

Rio de Janeiro, 07/10/2003

Ir. Maris Bolzan, SDS
Presidente Nacional da CRB

“Através da partilha, percebemos que a espiritualidade – mística, impulsiona e alimenta a paixão pela missão que leva a uma prática missionária na co-responsabilidade, na intercongregacionalidade, na gratuidade e no despojamento.”

2. 25 anos de Pontificado do Papa João Paulo II

João Paulo II e a Vida Consagrada

ALOÍSIO CARD. LORSCHIEDER
ARCEBISPO DE APARECIDA-SP

1. Muitas vezes nestes 25 anos de pontificado João Paulo II se manifestou a respeito da vida consagrada. Falou às mais diversas Ordens, Congregações, Institutos, sobretudo, por ocasião dos Capítulos Gerais. Em todas essas oportunidades a preocupação do Papa tem sido com a fidelidade dos consagrados ao próprio carisma, à própria espiritualidade e à própria missão, tendo sempre em vista a evangelização do mundo de hoje. O mundo necessita do consagrado. É um dos preciosos elementos que leveda a massa toda.

2. Um resumo das palavras do Papa temos no documento pós-sinodal de 25 de março de 1995 "*Vita Consecrata*". Trata-se de uma vida profundamente arraigada nos exemplos e ensinamentos de Nosso Senhor. Ela é um dom de Deus Pai à sua Igreja por meio do Espírito Santo. A profissão dos conselhos evangélicos, característica da vida consagrada, faz com que os traços de Jesus pobre, virgem, obediente, adquiram **especial** visibilidade no meio do mundo. A vivência dos conselhos evangélicos atrai o olhar dos fiéis para o mistério do Reino de Deus atuante na história com a sua plena realização no fim dos tempos.

É um caminho de especial **seguimen-**

to de Cristo. É um deixar tudo para estar com Cristo e colocar-se com Ele ao serviço de Deus e dos irmãos.

A vida consagrada diz respeito a toda a Igreja; não é uma realidade isolada e marginal. Está colocada no próprio coração da Igreja. É elemento decisivo para a sua missão, já que exprime a íntima natureza da vocação cristã e a tensão da Igreja-Esposa para a união com o único Esposo. A vida consagrada faz parte da **vida, santidade e missão** da Igreja.

3. Quando em 1994, ano do Sínodo sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no Mundo, os jornalistas perguntaram se, no final do milênio, não havia assunto mais importante do que este, respondeu-se-lhes que este era um assunto importantíssimo para o mundo de hoje porque o que mais faltava ao mundo era um suplemento de alma, uma espiritualidade, uma mística. Ora, com a vida consagrada deseja-se ajudar o mundo neste suplemento de alma, nesta espiritualidade, nesta mística. A profissão dos conselhos evangélicos coloca os consagrados como **signal e profecia** para a comunidade dos irmãos e irmãs e para o mundo.

4. O aprofundamento da vida consagrada deve acontecer em uma tríplice

dimensão: a da **consagração, da comunhão e da missão**.

4.1. A consagração só pode ser bem entendida na luz da **consagração eucarística**. O que acontece na consagração eucarística? Aí temos a mudança **total** do pão no corpo de Cristo e do vinho no sangue de Cristo.

Ora, a consagração religiosa é mudança **total** da pessoa em Jesus Cristo. A existência humana da pessoa se transfigura, se transforma, se converte, se muda, totalmente em Jesus Cristo. É entrega total a Nosso Senhor: é acolhimento total de Cristo na própria vida e na vida da Igreja. O consagrado faz de Cristo o sentido total da própria vida; preocupa-se em reproduzir, na medida do possível, *"aquela forma de vida que o Filho de Deus assumiu ao entrar no mundo"* (Lumen Gentium, 44). Às pessoas de vida consagrada Cristo pede uma adesão **total**, que implica o abandono de tudo (cf Mt 19,27), para viver na intimidade com Ele e segui-LO para onde quer que Ele vá (Apc 14,4).

A vida consagrada é, por isso, ícone da **Transfiguração** de Jesus no monte Tabor. É configuração a Cristo, é cristiformidade, prolongamento na história de uma presença especial do Senhor ressuscitado.

4.2. Comunhão... A vida consagrada é comunhão vista na luz da SS. Trindade. O Pai que, comunicando ao Filho a sua numericamente mesma natureza divina, comunga com o Filho por geração; o Pai e o Filho, comunicando ao Espírito Santo a sua mesma numericamente natureza divina, comungam com o Espírito Santo por espiração. Esta

comunhão reflete-se na criatura racional através da Igreja que é povo de Deus a partir da unidade (=comunhão) do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Comunhão em Deus é **abertura**: o Pai está todo para o Filho; o Pai e o Filho estão todo para o Espírito Santo. Este *"estar todo de um para o outro"* é abertura de uma Pessoa Divina à outra. Assim também a comunhão eclesial é abertura das pessoas entre si, e isto especialmente na vida consagrada. A vida fraterna na vida consagrada apresenta-se como espaço humano habitado pela SS. Trindade, que difunde assim na história os dons da comunhão próprios das três Pessoas Divinas. A vida consagrada é um dos rastos concretos que a Trindade deixa na história para que os seres humanos possam sentir o encanto e a saudade da beleza divina.

4.3. Missão... A missionariedade está inscrita no coração mesmo de toda a forma de vida consagrada. Na medida em que o consagrado viver uma vida dedicada exclusivamente ao Pai (cf Lc 2,49; Jo 4, 34), cativada por Cristo (cf Jo 15, 16; Gal 1,15-16), animada pelo Espírito Santo (cf Lc 24,29; Atos 1,8; 2,4) ele coopera eficazmente para a missão do Senhor Jesus (cf Jo 20,21), contribuindo poderosamente para a renovação do mesmo.

As pessoas consagradas serão **missionárias** aprofundando continuamente a consciência de terem sido chamadas e escolhidas por Deus, para quem devem orientar toda a sua vida e oferecer tudo o que são e possuem, libertando-se dos obstáculos que poderiam retardar a resposta total do amor. Também o seu es-

tilo de vida deve deixar transparecer o ideal que professam, sendo sinal vivo do Deus vivo e pregação persuasiva, mesmo que muitas vezes silenciosa, do Evangelho.

Conclusão

5. A vida consagrada faz parte intrínseca do Evangelho. Ela brota do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. É vivência a mais plena possível do Evangelho. Ela faz parte da **estrutura carismática** da Igreja, faz parte da vida

e santidade da Igreja (Lumen Gentium, 44), santidade que é uma das notas **essenciais** da Igreja: Una, **Santa**, Católica, Apostólica. Sem a vida consagrada a Igreja deixaria de ser Igreja; ver-se-ia privada de uma das notas essenciais do seu próprio ser íntimo. A Igreja **produz** santidade (a plenitude dos meios de salvação é confiada à Igreja) e **ordena-se** à santidade.

Não hesitemos! Trabalhando pela difusão da vida consagrada estamos trabalhando para uma nova primavera eclesial!

“A vivência dos conselhos evangélicos atrai o olhar dos fiéis para o mistério do Reino de Deus atuante na história com a sua plena realização no fim dos tempos.”

Pressupostos teológicos para 'contemplar' a vida de Jesus

CARLOS PALÁCIO, SJ

"Como relacionar-se com Jesus, hoje?"

A primeira reação diante desta pergunta - assim estava formulado o tema que me foi proposto para este artigo - é de desconcerto. Ou, então, de suspeita. Pela sua aparente ingenuidade. Afinal, será que ainda não sabemos como nos relacionar com Jesus Cristo? Por isso, eu mesmo tive que me interrogar: qual poderia ser o significado de tal pergunta?

Em que consiste a relação com Jesus Cristo? Donde vem a necessidade de apor-lhe um 'hoje'? E como ter certeza de que ela tem um fundamento sólido? O simples fato de ter que formular a questão pode estar significando que algo que parecia claro à primeira vista - o modo de relacionar-se com Jesus Cristo - pode não ser tão evidente como imaginávamos.

A questão é decisiva para todo cristão que queira preservar o que há de 'diferente' na sua experiência espiritual enquanto *cristã*, i.é., indissolúvelmente vinculada à pessoa de Jesus. E, de modo especial, para essa particular

experiência cristã que brota dos 'Exercícios Espirituais' de Santo Inácio. É sabido que a experiência toda dos Exercícios gira em torno da 'contemplação' dos 'mistérios da vida de Cristo Nosso Senhor' (EE 261ss). Mas a 'contemplação' - e os frutos da mesma - dependem do modo de entender a *vida* de Jesus e, em definitivo, do modo de responder pessoalmente à pergunta *quem* é esse Jesus cuja vida se 'contempla'. É o que pretende sugerir o título que me pareceu necessário acrescentar à pergunta. Existem pressupostos sem os quais é impossível a relação com Jesus Cristo e, por conseguinte, a 'contemplação'. A questão, portanto, não pode ser reduzida à sua dimensão *subjetiva* (como me relaciono com Jesus?); ela possui uma dimensão *objetiva* que independe do sujeito que faz a experiência ('diante de quem' se situa aquele que 'contempla?').

O aspecto subjetivo da questão levanta um *problema pastoral*. O caminho pelo qual as pessoas têm acesso

hoje à figura de Jesus é extremamente variado, dando lugar às mais diversas imagens. A rigor, essa variedade não teria por que nos assustar. A tradição está aí para confirmar que a maneira de assimilar e de expressar a pessoa de Jesus ao longo da história foi muito diversificada. Mas é igualmente verdade que, sem uma certa coerência com os pressupostos da fé e da experiência cristã, essa diversidade se torna caótica e deixa de ser cristã, mesmo referindo-se a Jesus. É o *problema cristológico* subjacente às diversas abordagens atuais da vida de Jesus. Como deve ser entendida a vida de Jesus para que a relação com ele seja uma verdadeira relação pessoal e não uma pura referência ao passado? A maneira de viver a relação e, por conseguinte, a maneira de contemplar, depende do modo de resolver essa questão. A pergunta que brota espontaneamente é esta: *oferecem os Exercícios Espirituais* – a experiência do relacionamento com Jesus, tal como nô-la propõe Santo Inácio – *uma resposta* para esses problemas? Ficam, assim, delineados os três passos da nossa reflexão: o problema ‘pastoral’, a questão cristológica e a resposta dos Exercícios.

1. Uma questão ‘Pastoral’: itinerários de acesso a Jesus

A experiência dos Exercícios vai se gestando à medida que o exercitante – uma pessoa concreta e situada – aceita ir confrontando a sua vida e liberdade com a vida de Jesus. Existem, por isso, certas condições sem as quais a experiência se torna impossível. Essa parece ser a razão pela qual Santo Inácio avalia

va atentamente as disposições das pessoas “que querem tomar exercícios espirituais” (EE. 18). Seria inútil querer ler nessa preocupação qualquer ressaibo de elitismo. Trata-se, antes, de uma questão de realismo: a experiência espiritual que propiciam os Exercícios não é automática. Esse cuidado prévio deveria estender-se hoje ao que poderíamos designar como a ‘situação espiritual’ do mundo moderno, do qual procedem os exercitantes. São cada vez mais evidentes as marcas dessa ‘situação espiritual’, na maneira de viver a experiência cristã. E não poderia ser de outra forma. Não é necessário ser um estudioso da moderna cultura ocidental para perceber o impacto que tem, no tecido eclesial, a religiosidade difusa e heterogênea, característica da sociedade contemporânea.

A vivência da fé e da relação com Jesus Cristo não poderiam deixar de ser afetadas por essa situação. Basta um mínimo de experiência, na prática de orientar Exercícios, para constatar que cresce cada vez mais o número de pessoas cuja descoberta de Jesus seguiu caminhos pouco convencionais ou foi alimentada em círculos e movimentos eclesiais cujo equilíbrio teológico suscita dúvidas. Essa diversidade de procedências e de itinerários espirituais deixa as suas marcas e condiciona o modo de relacionar-se com Jesus. E, por isso mesmo, o modo de ‘contemplar’ a sua vida. O que coloca um problema prático de acompanhamento – antes mesmo de iniciar a experiência, na linha da anotação 18^a – para ‘quem propõe a outro o modo e a ordem de meditar ou contemplar’ [EE 2].

Não seria difícil caracterizar cada um desses itinerários com alguns traços típicos. De maneira espontânea, sem necessidade de ser exaustivo, e sem nenhuma pretensão de oferecer uma tipologia elaborada. Bastaria, para tanto, observar com um pouco de atenção o panorama eclesial. Trata-se de detectar alguns tipos de experiência de Jesus (nesse sentido 'tipologias') perceptíveis à primeira vista na comunidade eclesial, que são caminhos de acesso à experiência de Jesus Cristo (e nesse sentido 'itinerários'), sem nenhuma pretensão de estabelecer entre eles prioridades ou conexões de dependência.

a) Um *primeiro itinerário* poderia ser identificado com o que foi - e, de muitas formas, continua sendo para a maioria dos cristãos - a 'experiência tradicional' de Jesus: uma experiência cujo substrato teológico era a doutrina aprendida no catecismo, veiculada através das homilias por uma leitura dogmática do evangelho, e alimentada pelas diversas práticas da piedade devocional (Coração de Jesus, Jesus Sacramentado, Cristo Rei, etc.).

Essa 'experiência tradicional' é a transposição, na vida espiritual dos cristãos, de uma cristologia construída a partir das afirmações dogmáticas, e à margem da vida concreta de Jesus de Nazaré. A identificação - predominante e quase exclusiva - de Jesus com Deus acabou produzindo um curto-circuito: a *humanidade* de Jesus desapareceu do horizonte da teologia e da experiência cristã.

Colocado do lado de Deus, Jesus deixou de ser o irmão de que nos fala a carta aos Hebreus (Hb 2,11.14); a rela-

ção com ele se tornou cada vez mais distante; e a sua vida e experiência deixaram de ser inspiradoras para a vida cristã, "porque ele é Deus". Há aí um desequilíbrio que vem de muito longe e do qual se ressente até hoje a experiência da maioria dos cristãos.

b) Ao lado dessa experiência, ainda hoje predominante, pode, se detectar, cada vez com mais frequência, um *segundo itinerário* que traz as marcas do que poderíamos designar como a 'volta ao Jesus histórico'. Esta linguagem recolhe uma problemática que ocupou os exegetas durante mais de dois séculos (sem que ainda se tenha esgotado). A partir dos anos 70 do século passado, a questão da história de Jesus foi incorporada de maneira sistemática à reflexão cristológica, modificando profundamente o enfoque da cristologia tradicional. A referência ao 'Jesus histórico' passou a fazer parte paulatinamente da linguagem comum de muitos cristãos que encontravam no 'Jesus histórico' uma fonte de inspiração para a sua busca espiritual. É o caso, por exemplo, da militância social de muitos cristãos e agentes de pastoral na América Latina, sobretudo nas décadas de 70 e 80.

Hoje o contexto é muito diferente. A expressão, porém, continua a ser utilizada, mesmo entre as gerações mais novas. É lícito suspeitar, contudo, que ao longo de duas ou três décadas houve um deslocamento de sentido. A expressão 'Jesus histórico' não tem hoje a carga de militância eclesial, e até ideológica, que podia ter nos anos 70. Ela se apresenta de modo mais asséptico, como resíduo das discussões acadêmicas que foram

vazando para a comunidade eclesial. Mas a linguagem não é inocente. Quer o saibamos ou não, ela vem carregada dos sentidos – e dos problemas! – que foi se revestindo ao longo da história. É, pois, necessário perguntar, se o que evoca a expressão nas pessoas que a utilizam, que experiência está sendo veiculada com ela, e como incide na maneira de relacionar-se com Jesus Cristo?

c) Um *terceiro itinerário*, muito em voga hoje nas comunidades eclesiais, é o acesso a Jesus pela via emocional, perceptível nos mais diversos grupos e movimentos de todo tipo, que proliferam hoje na Igreja. As raízes do que poderia ser designado como ‘experiência emocional’ de Jesus se encontram, com toda probabilidade, nos movimentos pentecostais evangélicos que, de formas diversas, foram se infiltrando aos poucos no catolicismo, dando lugar ao chamado pentecostalismo católico, uma de cujas características é a concentração problemática numa peculiar experiência do Espírito e dos seus dons extraordinários, como o dom de línguas e de curas.

A difusão desses movimentos no tecido eclesial levanta um sério problema pastoral. Não é este o momento de abordá-lo na sua complexidade. Mas uma questão não pode ser evitada: qual é a consistência cristã dessas experiências? A pergunta não deveria ofender a ninguém nem é resultado de nenhum preconceito. Nela vem à tona apenas a necessidade constante de discernir o que é cristão. O que significa que nem todo itinerário, mesmo que seja ‘espiritual’, é automaticamente compatível com Jesus Cristo.

A fé cristã o sabe por experiência. Desde o início, ela teve que se defrontar com o fascínio que o fenômeno dos arrebatamentos místéricos exercia sobre os cristãos vindos do paganismo. A comunidade de Corinto é o exemplo mais conhecido das tensões criadas por esses arrebatamentos. E o tratamento que Paulo deu a esse problema é exemplar: todo e qualquer fenômeno espiritual extraordinário deve ser submetido ao critério de Jesus. E, para Paulo, esse nome era a condensação de uma vida humana que terminou na loucura da cruz. O que nos dá a medida do realismo com o qual encarava Paulo a experiência cristã. A relação com Jesus Cristo, o seu seguimento ou, na linguagem paulina, a ‘vida em Cristo’, não podem ser confundidos com uma questão de sentimentos ou de emoções,

d) Finalmente, é necessário aludir a um *quarto itinerário*, mais difícil de ser descrito porque não possui uma figura definida, mas inegavelmente presente no contexto religioso da cultura moderna, dentro do qual é vivida hoje a fé cristã. Trata-se da ‘situação espiritual’ da sociedade pós-moderna, cuja busca de transcendência se caracteriza, entre outras coisas, por uma religiosidade difusa na qual se amalgamam fragmentos vindos do universo cristão, elementos dessa gnose moderna que é a Nova Era, e o poderoso fascínio que exerce sobre o ocidente a mística oriental.

A rigor, esta situação não constitui um itinerário, no mesmo sentido dos anteriores. Trata-se, antes, de uma mentalidade, um ar que se respira, um estilo religioso. Dois indícios são suficien-

tes para mostrar como esse espírito se infiltra imperceptivelmente no modo de os cristãos viverem a própria fé e acaba afetando a maneira de relacionar-se com Jesus Cristo. O primeiro diz respeito à espiritualidade; o outro, à pessoa mesma de Jesus.

É sintomática a facilidade com a qual muitos cristãos – não só leigos, mas também religiosos – aderem às diversas modalidades que surgem no mercado religioso, sem perceberem que essa mistura explosiva de mestres, teorias pseudo-científicas, técnicas e métodos, acaba por configurar uma espiritualidade muito ‘religiosa’ talvez, e afinada com o espírito da pós-modernidade, mas nem por isso ‘cristã’. Pois para ser cristã, qualquer experiência religiosa ou espiritual tem que ser discernida, i.é., submetida à prova da experiência de Deus que nos é acessível na experiência de Jesus.

O segundo indício é um certo esvaziamento da figura de Jesus e da sua função para a nossa relação com Deus. A significação da pessoa de Jesus acaba diluindo-se dentro dessa nebulosa religiosa da sociedade contemporânea. A religiosidade moderna, ao privilegiar a busca do sujeito, tende a nivelar todas as experiências, alimentando o relativismo religioso. Por isso, talvez, é, sobretudo no âmbito do diálogo inter-religioso onde a problematização da pessoa de Jesus é mais evidente. Por que teria ele essa função única e universal que lhe atribui a fé cristã? Não estaria o cristianismo, dessa forma, colocando-se acima das outras religiões, numa pretensa ‘superioridade’ que negaria a possibilidade de qualquer diálogo?

Assim, em benefício do bem maior que seria o diálogo, é cada vez mais freqüente encontrar cristãos para os quais a pessoa de Jesus poderia ser substituída – pelo menos para os não-cristãos – por outras figuras religiosas significativas. Atitude à primeira vista muito aberta e respeitosa das outras religiões, mas inconsistente do ponto de vista teológico. Pois, tanto o respeito do outro, como o diálogo, pressupõem que seja levada a sério a verdade das diferenças. Nessa atitude há uma relativização da pessoa de Jesus que não faz justiça ao que dele afirma a fé cristã. Jesus seria apenas um homem extraordinário, um modelo religioso ou um guru espiritual, como tantos outros que conheceu a humanidade. É evidente que essa maneira de pensar afeta não só o modo de relacionar-se com Jesus, mas a sua significação.

Os itinerários acima apresentados oferecem uma tipologia muito simples de quatro possíveis maneiras de compreender a relação com Jesus. Não se trata de tipologias ideais; são formas reais e concretas de viver a fé. Todas elas manifestam algum desequilíbrio que condiciona o modo de relacionar-se com Jesus Cristo. E por isso se ressentem, cada uma a seu modo, de um problema cristológico mal resolvido.

2. Um problema cristológico

A experiência cristã gira em torno do ‘acontecido com Jesus de Nazaré’ (Lc 24,19). O primeiro ‘problema’ da cristologia é, portanto, o enigma que essa vida levanta e o que ela significa. Nos evangelhos, a pergunta ‘que homem é

este' brota sempre da admiração que suscitam as atitudes e o comportamento de Jesus: o seu modo de falar (Mc 1,22), a sua autoridade (Mc 1,27), o seu poder (Mt 8,27). E a 'resposta' – positiva ou negativa – que se der a essa pergunta será sempre uma 'interpretação' – positiva ou negativa – dessa vida. É um homem sem igual (Jo 7,46), um profeta extraordinário (Lc 24,19), o Messias (Mc 8,29)? Será alguém que tem um pacto com Beelzebu (Lc 11,15) ou simplesmente um louco (Mc 3,21)? Manifestamente a pessoa de Jesus provocava divisões (Jo 7,43). E não houve, durante a sua vida, unanimidade sobre a sua pessoa (Mc 8,28; Jo 7,40 ss.).

a) A estruturação da fé em Jesus Cristo

Essa é a cristologia germinal ou o que os exegetas chamam a '*cristologia implícita*', escondida, por assim dizer, na vida de Jesus. Outra será, depois das experiências pascais, a resposta da comunidade cristã: "este homem era Filho de Deus" (Mc 15,39). As expressões desta '*cristologia explícita*' podem variar desde as mais simples 'confissões de fé' (Jesus é o Cristo) até as fórmulas mais elaboradas de João ou de Paulo. Mas é nesse gênero literário peculiar que são os evangelhos, e na sua '*cristologia narrativa*', onde melhor se percebe em que consistiu essa explicitação da fé cristã.

A originalidade dos evangelhos não reside só na criação de um novo gênero literário (falar de Jesus narrando a sua 'história'), mas na importância teológica que tem essa opção. Porque Marcos

quis resolver um problema teológico: o risco que corria o quérigma cristão de se tornar anúncio abstrato de Jesus, uma 'idéia' religiosa, mais uma teoria de salvação. Ao falar de Jesus, narrando a sua vida, Marcos articula de maneira genial os elementos que estão em jogo na explicitação da experiência cristã da fé em Jesus Cristo, e, portanto, o que deve ser a estrutura de toda cristologia.

Em primeiro lugar, a convicção de que o sentido que a fé descobre em Jesus deve ser buscado na *totalidade da sua vida*, e não nos seus aspectos particulares. O sentido dos gestos poderosos de Jesus, do seu ensinamento, do seu modo de ser e de viver, só aparecem no *fim*. Do contrário, a sua vida pode ser mal-entendida. É o que significa a insistência de Jesus com os discípulos de só falarem quem ele é – o chamado 'segredo messiânico' – após a sua morte.

Dessa totalidade – e este é o segundo aspecto – faz parte a *experiência pascal*, i.é., o acontecido com Jesus depois da sua morte e o processo pelo qual os discípulos reconhecem que 'Ele vive'. Ele, Jesus de Nazaré, o mesmo com o qual os discípulos tinham convivido durante a sua vida. O mesmo Jesus, mas de outra forma. Porque a ressurreição é a entrada numa vida nova e plena. A morte, portanto, não teve a última palavra sobre a vida de Jesus. O acontecido depois da morte faz parte da sua vida. A sua '*história*' continua, não é algo do passado. E, por isso, continua a relação dos discípulos com ele: uma relação no presente.

Essa experiência do encontro com o Ressuscitado projeta uma luz nova so-

bre a vida anterior de Jesus, sobre o que ele disse e fez, sobre as etapas pelas quais passou. É como se, à luz dos acontecimentos pascais, explodisse o sentido escondido nessa vida, iluminando-a por dentro. Doravante, é impossível olhar da mesma forma para a vida de Jesus. Só agora é possível 'anunciar' verdadeiramente quem é Jesus e por que é tão importante a sua vida. E Marcos o faz 'narrando a totalidade dessa história': o seu evangelho é um 'anúncio' (por isso os evangelhos não são uma pura crônica dos fatos) em forma 'narrativa'; é 'narrando' que Marcos 'anuncia' o sentido encarnado nessa vida.

Aqui aparece o terceiro elemento dessa original síntese teológica que é o evangelho: a *função mediadora da comunidade*. Os discípulos são aqueles que conviveram com Jesus (Mc 3, 14) "durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu em nossa companhia" (At 1, 21), os que viram e ouviram, os que contemplaram e apalparam (1Jo 1,1ss), aqueles que permaneceram até o fim no meio das dificuldades (Lc 22,28). Porque percorreram com ele o caminho que vai "do batismo de João até o dia em que foi levado embora de nós" (At 1,22), podem ser *testemunhas* do 'acontecido'. Não só dos fatos, mas do sentido que lhes era inerente. A confissão de fé da comunidade pós-pascal não é um apêndice acrescentado de fora à vida de Jesus; é um anúncio que recolhe e explicita o sentido inscrito nessa vida. O Cristo da fé é o Jesus terrestre visto à luz da totalidade da sua vida, morte e ressurreição. Um não pode ser visto sem o outro: o terrestre é o elevado à glória,

e o ressuscitado é para sempre o que viveu e foi crucificado. É dessa síntese viva que a comunidade é testemunha.

Essa mediação – e este é o último elemento – tem uma dupla finalidade: mostrar que o *sentido* e a explicitação do mesmo pela comunidade são parte integrante do *acontecido*, e, ao mesmo tempo, que o anúncio se esvai em palavras vazias se não for feito com a própria vida. Por isso, 'os com Jesus' – como gosta de designá-los Marcos – i.é., a comunidade dos discípulos, não pode ser separada de Jesus. A *comunidade* está chamada a ser (esta é a sua grandeza) o *lugar do sentido encarnado* de Jesus. Mas a sua vida pode também ocultar esse sentido (e esta é a sua miséria).

O *seguimento* de Jesus faz parte da cristologia porque nele se torna visível o que suscita e torna possível a vida de Jesus. O sentido dessa vida se revela ao percorrer até o fim o mesmo itinerário. Só quem entra no mesmo caminho conhece por dentro quem é Jesus. É evidente que sem Jesus não haveria comunidade, mas também é verdade que sem a comunidade não haveria Jesus; a sua memória viva ter-se-ia perdido nas sombras do passado. Por isso, na 'cristologia narrativa' que são os evangelhos, a 'história de Jesus' é inseparavelmente a 'história da fé em Jesus Cristo'.

O desafio ao qual tem que responder toda e qualquer cristologia ao longo da história é a correta articulação desses quatro aspectos. Articulação que não é só teórica, mas prática. No fundo, toda cristologia teria que ser a *expressão teórica* do modo particular como uma *comunidade situada* vive a sua *relação*

com *Jesus Cristo*. Por isso, a verdadeira cristologia, como cristologia vivida, tem que ser sempre atual, moderna e inculturada. O esquecimento de qualquer um desses elementos desequilibra não só a expressão teórica da cristologia, mas a maneira de viver a relação com Jesus Cristo. É o que se trata de mostrar voltando a cada um dos itinerários acima descritos.

b) Discernimento teológico dos itinerários

O desequilíbrio evidente da cristologia tradicional e da experiência de Jesus por ela veiculada – primeiro itinerário – é o esquecimento da humanidade de Jesus. É uma cristologia construída a partir das afirmações dogmáticas e totalmente à margem da vida de Jesus. O seu conteúdo são as ‘verdades’ de fé. Correta do ponto de vista teórico, é inadequada para introduzir existencialmente à experiência que deu lugar à confissão de fé cristológica. Pois a gênese da fé é inseparável do caminho percorrido por Jesus, em todas as suas etapas. Esse é o conteúdo primeiro da cristologia, do qual as afirmações dogmáticas são a interpretação. O dogma nunca teve a pretensão de se substituir ao evangelho. O acesso à pessoa de Jesus e à experiência do encontro com ele passa necessariamente – como itinerário pessoal ou de toda a comunidade eclesial – “através da sua humanidade” (Hb 10, 20).

O olvido desse dado fundamental deixou marcas indeléveis na maneira de viver a fé cristã. Sem o lastro da sua humanidade, Jesus é projetado na trans-

cendência de Deus. Essa distância o afasta de nós, afetando a nossa relação com ele: a sua vida deixa de ser significativa para a nossa vida, e a nossa experiência de Deus não tem mais os traços do Deus revelado na experiência de Jesus. Sem o chão concreto da vida de Jesus, a experiência do cristão é despojada do critério fundamental do que significa ‘viver em Cristo’, e se torna inevitavelmente moralizante e legalista. A ‘mística’ do seguimento de Jesus deriva da ‘ascética’ da imitação.

O empolgamento com o ‘Jesus histórico’ – característico do segundo itinerário – por mais generoso e inspirador que possa parecer, nem sempre tem consciência da problemática teológica que essa expressão carrega como fruto da sua tumultuada história. A ‘volta ao homem Jesus’ era uma tentativa de libertá-lo das ‘garras do dogma’, mas de roldão carregou consigo a função da mediação eclesial. A confissão eclesial, em vez de revelar, ocultaria a verdadeira imagem de Jesus. Daí a oposição entre o ‘Jesus histórico’ e o ‘Cristo da fé’ que se tornou um dos ‘dogmas’ inquestionáveis da investigação histórica sobre Jesus. Mas essa ruptura é em si mesma problemática, porque o ‘Cristo da fé eclesial’ une inseparavelmente o Jesus terrestre e o Senhor exaltado. A verdadeira tensão não se dá entre o ‘Jesus histórico’ e o ‘Cristo da fé’, mas, dentro do ‘Cristo da fé’, entre o estádio terrestre da vida de Jesus e a sua condição gloriosa. Eis o que fica escamoteado na aparente inocência de uma expressão que se tomou moeda corrente da linguagem cristã contemporânea.

Mas há outro pressuposto implícito nas pesquisas sobre a vida de Jesus, pelo menos até meados do século passado, que torna mais profunda ainda esta primeira ruptura. É uma concepção de história segundo a qual a morte é a última palavra sobre a pessoa. A história de Jesus, portanto, seria apenas a história da sua vida pré-pascal. E terminaria com a morte. Dessa forma, o 'Jesus histórico' fica relegado inevitavelmente ao passado. Mas o problema não é só filosófico. É também teológico. E gira em torno da ressurreição. A fé cristã afirma que a vida de Jesus não terminou com a morte. Aquele que morreu, vive. A ressurreição é, portanto, o eixo ao redor do qual se torna possível falar da história (passada) de Jesus como da história (presente) de Alguém que vive. E essa é a condição para que haja uma relação pessoal e atual com Jesus Cristo e para que a referência à sua vida não seja só lembrança de um passado morto, mas critério permanente do que é o seguimento cristão.

O terceiro itinerário nos transporta às antípodas do movimento que levou de volta ao 'Jesus histórico'. O seu problema é a concentração unilateral no aspecto pneumatológico da cristologia e nas suas manifestações extraordinárias, desequilibrando a experiência de Jesus Cristo. Porque, se é verdade, como diz Paulo, que ninguém pode reconhecer Jesus de Nazaré como Cristo a não ser pelo Espírito, não é menos verdade que ninguém, movido pelo Espírito, pode considerar irrelevante a referência a Jesus de Nazaré (1Cor 12,3). Não há Espírito sem Jesus (Jo 7,39). O Es-

pírito é o Espírito de Jesus glorificado. E, por isso, a sua função é ser memória de Jesus (Jo 14,26) e introduzir-nos cada vez mais no sentido da sua vida (Jo 16,12-15).

É o que não pode esquecer a 'experiência emocional' de Jesus. O seu perigo não é de ordem teórica, mas de natureza prática. Sob uma aparente ortodoxia verbal pode-se estar incorrendo numa heresia existencial camuflada, na medida que se alimenta uma concepção subjetiva da existência cristã, interiorizante, espiritualista, à margem do que representa o trabalho paciente de assumir, em todas as suas dimensões (pessoal, social e histórica), a condição humana comum, configurando-a de outra forma. Como Jesus. Eis porque ele será para sempre o parâmetro de toda existência cristã. A dificuldade de lidar com as tensões que levantam os diversos movimentos pentecostais, do ponto de vista pastoral, é a melhor prova de que esse perigo não é quimérico.

Mais difícil resulta submeter o quarto itinerário a este discernimento teológico. Pela simples razão de que os seus contornos não têm a nitidez dos outros itinerários que, mesmo com os seus desequilíbrios, são ainda respostas cristãs à proposta da fé. O quarto itinerário é resultado de um contexto sócio-cultural, no qual o nivelamento das experiências religiosas e a sua redução a um denominador comum, torna quase impossível manter a coerência do que há de irredutível na experiência cristã. Quando a pessoa de Jesus Cristo deixa de ser a espinha dorsal que estrutura a experiência do cristão, quando o cami-

nho de Jesus – i.é., a sua experiência – pode ser equiparado a outras experiências religiosas, é sinal que deixou de ser o critério decisivo para o relacionamento do cristão com Deus, com o mundo, e com os outros. Inclusive com as religiões. A sua figura terá sido resgatada da particularidade de um grupo para fazer parte do patrimônio comum da religiosidade humana. E, nesse sentido, universalizada. Mas paradoxalmente ele, por mais extraordinária que seja aos nossos olhos a sua experiência humana, terá sido reduzido à categoria de modelo que pode saciar a busca religiosa do homem moderno. Um guru espiritual ao lado de tantos outros. Colocado nesses termos, a relação com Jesus Cristo é presa definitiva nas malhas da pura subjetividade.

O relacionamento com Jesus Cristo, tal como se apresenta na experiência espiritual dos Exercícios de Santo Inácio, oferece uma resposta para os problemas levantados nestes itinerários? É o que nos resta ver antes de concluir.

3. A Cristologia 'vívuda' dos Exercícios

A experiência de Inácio de Loyola é, em certo sentido, a de um homem 'moderno'. O 'exercitante' é, antes de tudo, um *sujeito* à procura de uma orientação *consciente* e *livre* da sua vida. É a eleição. A subjetividade, portanto, entra de cheio na experiência espiritual de Inácio. Por outro lado, a teologia que Inácio estudou Paris era 'pré-moderna'. Em dois sentidos pelo menos: por ser uma prolongação da *teologia escolástica* medieval e por desconhecer – nem pode-

ria ser de outra forma – a *crítica moderna* aplicada ao estudo da Escritura. A sua experiência, no entanto, é moderna e atual. Talvez por estar conectada diretamente com a grande tradição patrística, e, sobretudo, com o evangelho. Por isso a teologia dos Exercícios não pode ser *deduzida* dos conteúdos recebidos por Inácio na Sorbonne; ela tem que ser *induzida* da experiência do encontro com Jesus Cristo, que a prolongada contemplação do evangelho foi suscitando em Inácio. Trata-se, pois, de uma cristologia *vívuda* mais do que teorizada. O que não significa que não tenha pressupostos.

a) Os pressupostos da experiência

Em primeiro lugar, Inácio parte da *unidade concreta* e *viva* de Jesus Cristo que lhe vem da confissão eclesial da fé. Inácio recebe a sua experiência da tradição viva da Igreja (é o aspecto da mediação eclesial) e, mergulhando nela, entra em comunhão com todos os que vivem essa experiência. É, ao mesmo tempo, uma experiência pessoal e eclesial.

Esta unidade vem à tona na linguagem utilizada por Inácio. Para ele, Jesus é sempre 'Cristo', 'Cristo Nosso Senhor', 'Criador', 'Senhor', 'Rei eterno', 'Verbo eterno'. E não só quando se trata da situação gloriosa de Jesus, mas quando se refere aos 'mistérios' da sua vida terrestre: são os 'mistérios da vida de Cristo Nosso Senhor' (EE. 261); o *nascimento* de Cristo Nosso Senhor (EE. 264), a *natividade* de Cristo Nosso Senhor (EE. 265), a *volta do Egito* de Cristo Nosso Senhor (EE. 270); a *perda no Templo*, o *batismo*, as *tentações*, 'de Cristo'. A lingua-

gem pode nos parecer surpreendente, mas nela se expressa a unidade concreta da qual vive a experiência de Inácio.

Além de enganador, seria falso, enquadrar esta linguagem no que hoje costuma ser designado como 'cristologia *descendente*'. Não só porque estaríamos incorrendo num anacronismo, mas por não fazer justiça à experiência de Inácio. Esta linguagem é indício de que, na experiência de Inácio, 'Cristo Nosso Senhor' ou o 'Verbo eterno' não podem ser desvinculados da carne da história, da vida concreta de Jesus: o Ressuscitado é o Crucificado e o que viveu; o Espírito só nos é dado como Espírito de Jesus. Inácio fez essa 'descoberta' contemplando a 'vida de Cristo Nosso Senhor', os seus 'mistérios'. Mistérios não porque escapem à nossa razão, mas porque a *densidade* de cada acontecimento humano da vida de Jesus dá muito mais de si do que deixariam suspeitar as puras aparências da carne. Rigorosa experiência mística que une a *humanidade* de Jesus e a Trindade, situando Inácio dentro da mais lídima tradição cristológica que vai desde a patrística (segundo o antigo adágio "Um da Trindade sofreu a paixão"), até os nossos tempos, com o Irmão Carlos de Foucauld, por exemplo, passando por Francisco de Assis, Teresa de Ávila e João da Cruz.

Essa unidade viva entre o Jesus terrestre e o Senhor glorificado é o fundamento da relação que Inácio estabelece com Jesus Cristo. É uma *relação pessoal* vivida no *presente*. Inácio não se relaciona com uma 'idéia' ou com uma verdade de fé; o Jesus de Inácio não é

um 'Jesus histórico' do passado. Na atualidade do que é a sua vida, Inácio se relaciona com Alguém que possui *traços plenamente* humanos. Inácio captou perfeitamente a função dos relatos evangélicos: ao fazer o anúncio do Senhor ressuscitado em forma de relato, Marcos o devolveu ao solo misterioso da vida de Jesus. Essa síntese viva é a base na qual se apóia a contemplação inaciana. Por isso, com a mesma lógica que diz que o 'menino Jesus' pode ser *adorado* (EE. 267), Inácio pode afirmar que o Senhor *nasceu* em extrema pobreza *para morrer na cruz* (EE.116).

A perspectiva claramente pós-pascal dessa unidade viva que é o Senhor ressuscitado não impede, mas ainda exige, que o *acesso* à experiência do encontro com o Senhor se faça através da descoberta do rosto concreto de Jesus, *através da sua humanidade*. Não é outra a razão pela qual o trabalho primordial dos 'exercícios' é contemplar os 'mistérios da vida de Cristo Nosso Senhor'. Mas tal contemplação não pode ser confundida com o exercício anárquico de uma imaginação desvairada. Risco que é mais real do que com frequência se supõe. Contemplar não é recriar, de maneira subjetiva e imaginária, o texto evangélico, mas submeter-se ao que ele nos abre. Contemplar é ter olhos – que só o Espírito pode dar – para 'ver' além das aparências do humano, para atravessar a sua opacidade, indo até o fundo da realidade. É então que o 'humano' de Jesus se torna expressão 'de Deus'.

A contemplação inaciana, assim entendida, tem, pois, uma dupla função:

teológica e antropológica. Do ponto de vista teológico, ela é a porta de entrada para uma experiência *cristã* de Deus. Porque o que se revela nesse ‘caminho’ de Jesus – feito de trabalhos, fome, sede, calor, frio, injúrias e afrontas, para morrer na cruz (EE. 116) – é o amor sem limites de um Deus que, para ‘provar’ a grandeza ilimitada – e, por isso, ‘divina’ – do seu amor, se entrega a nós, não só no ‘limite’ de uma carne humana, mas assumindo por dentro a forma desfigurada da condição humana que é a forma do servidor, a de uma vida entregue sem condições e até o fim ‘pelos outros’.

Por isso, antropologicamente, a contemplação é um processo que vai configurando a vida do exercitante, segundo o estilo de Jesus, até aceitar – é o momento da eleição – que o eixo estruturante da sua vida não seja ‘o que ele quer’ (a sua vontade), mas descobre que há outra maneira de compreender-se e de construir a vida. Essa alternativa humana obrigará o exercitante a passar pela ‘noite escura’ de um profundo des-centramento de si mesmo. Entender-se como Jesus é aceitar “sair do seu próprio amor, querer e interesse” (EE. 189), é entender-se a partir de Deus e para os outros. O *seguimento* de Jesus é o processo, nunca acabado, de deixar-se configurar por ele, em todos os aspectos da vida.

b) Algumas características da relação

Os traços da relação com Jesus Cristo, dentro da experiência dos Exercícios, brotam destes pressupostos. É a partir deles que podemos descobrir tam-

bém a resposta que eles dão aos impasses que apresentam os itinerários acima analisados. A síntese viva entre a história terrestre de Jesus e a sua condição gloriosa, a partir da ressurreição, é a condição para que exista uma relação pessoal e atual com Jesus Cristo. É essa mesma unidade a que justifica que o acesso a Jesus seja através da sua humanidade, sem necessidade de sucumbir à miragem de um ‘Jesus histórico’ quimicamente puro. E a que exige que a vida de Jesus seja a referência permanente e o critério decisivo de toda existência cristã.

Construída sobre esse fundamento, a relação com Jesus Cristo pode desenvolver-se de maneira livre e espontânea na sua dimensão pessoal, sem nenhum perigo de ser devorada pelo subjetivismo. Inácio não tem medo de recorrer à imagem da comunicação entre amigos (EE. 54; 231), da intimidade que se estabelece na convivência (o ‘comigo’ do exercício do Rei temporal: EE. 95) ou da alegria de partilhar o que se tem (EE. 231; 234). O exercitante vive a sua experiência diante de Alguém; ele se relaciona com uma pessoa viva e concreta, não com uma idéia ou com uma causa.

Como todo encontro humano, essa relação se desenvolve pelo conhecimento mútuo. Esse aspecto está condensado na petição que deve ser feita em todas as contemplações a partir da Segunda Semana: “conhecimento interno do Senhor, que por mim se fez homem, para mais amá-Lo e segui-Lo” (EE. 104). Experiência de relação afetiva, amorosa, e mesmo apaixonada, cuja autenticida-

de não se mede pelo sentimento, mas pelo realismo de um seguimento que é serviço aos outros na missão (EE. 130,2).

Além de pessoal, essa relação é atual e tem que se realizar no presente da vida do exercitante. Não é por acaso que o processo da eleição, a busca da vontade concreta de Deus sobre a vida do exercitante, é simultâneo ao processo das contemplações da vida de Jesus (EE. 135,4). A identificação com Jesus Cristo não é um processo interior, sem nenhum controle objetivo. O caminho de Jesus é a referência constante da relação que o exercitante estabelece com Jesus Cristo. Não se trata de imitar, mas de recriar o caminho percorrido por Jesus.

A meta dessa relação é a comunhão de vida e de destino entre o exercitante e Jesus. Ao que o Senhor fez por mim (EE. 103) deve responder o que faço por Cristo (EE. 53). 'Entregar-se' a Jesus não é uma questão de sentimentos ou de

uma pura reciprocidade intencional. É uma exigência de vida: dar a vida pelos irmãos, como ele fez. E assim, de maneira muito concreta, a relação com Jesus Cristo vai iluminando e transformando a existência do exercitante, e dilatando o horizonte da sua vida e da sua história. Porque a existência cristã não é, em primeiro lugar, aceitação de verdades, nem observância de regras ou preceitos, mas adesão a uma pessoa – a de Jesus – e ao sentido que ela nos abre, abrindo-nos a Deus (encontrar a Deus em todas as coisas) e aos homens (servir aos irmãos encontrados 'em Deus'). Inácio o resume de maneira lapidar: "em tudo amar e servir" (EE. 233).

Endereço do autor:

R. Ir. Celeste, 88 - Padre Júlio Maria

Caixa Postal: 5047 - CEP 31611-970

31740-220 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 499-1619

Fax: (31) 499-1611

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Para você, qual é o verdadeiro sentido da pergunta inicial do artigo: "Como relacionar-se com Jesus Cristo hoje?"
- 2- Como crescer pessoal e comunitariamente no discernimento dos itinerários de acesso a Jesus hoje?
- 3- Que se pode fazer para que a vida cristã seja assumida cada vez mais na perspectiva da síntese de Inácio de Loyola - "Em tudo amar e servir"?

Os Messianismos na Bíblia

LUÍS I. J. STADELMANN, SJ

A Bíblia trata dos acontecimentos que marcam a existência de Israel como nação livre e, ao mesmo tempo, como Povo Eleito, desde o início de sua trajetória, com o Êxodo do Egito, até a dissolução da nação e a dispersão das comunidades de fé entre outros povos. A história de Israel oferece a comprovação do significado transcendente da história, pois nela vemos as intervenções de JAVÉ não só determinarem o nascimento e o crescimento desse povo, como também lhe darem sentido altamente religioso, de modo que Israel pode, com razão, chamar-se Povo de Deus.

Segundo a conceituação veterotestamentária do Povo de Deus, vemos um povo em peregrinação desde o Êxodo do Egito rumo à Terra Prometida, sendo acompanhado por Deus, que vai à sua frente na "coluna de nuvem" e os acolhe em sua presença no santuário. Em situação de crise interna e externa, é Deus que intervém em favor desse povo por intermédio de seus representantes, mediadores da salvação.

Jesus Cristo, o Messias

A palavra "Cristo" ocorre na Bíblia com duas acepções distintas: como título

honorífico atribuído ao representante de Deus junto a seu povo, e como nome próprio de Jesus de Nazaré. "Cristo" (do grego: *Christós*) e "Messias" (do aramaico: *M^ešîha'*, em hebraico: *Mašî^{ah}*) têm o mesmo sentido: o Ungido¹. "Cristo" impôs-se no curso da história como a designação predominante no Novo Testamento. Este título refere-se à excelência e majestade que revestem o rei de Israel, investido de todo o poder por ocasião da sagração régia e entronização como Ungido de Deus. A unção ritual dava-se também na investidura do chefe dos sacerdotes (Ex 29,7) ou de um profeta (1Rs 19,16; Is 61,1), ao serem incumbidos de uma missão especificada pela instituição civil ou religiosa estabelecida em Israel: a realeza, o sacerdócio e o profetismo. É indicação de que a respectiva instituição tem origem divina, sendo seus titulares sinais para os israelitas se darem conta de viverem sob a eleição de Deus, como Povo Eleito.

Embora as representações do Messias não fossem uniformes na concepção do Povo de Deus, todavia o elemento essencial em todas elas era a função atribuída ao Messias de ser o intermediário das promessas divinas de salva-

¹ É importante notar que o nome de Cristo nunca é ligado no NT com a unção de Jesus como rei, profeta e sacerdote. Aliás, os textos do NT não permitem fazer um reducionismo das múltiplas missões de Cristo a um tipo apenas, seja a missão régia, profética e sacerdotal de Jesus, com base de uma unção, porque a palavra "unção" é usada em sentido simbólico. Entretanto, a respectiva função Jesus a recebeu do Espírito de Deus.

ção. Mesmo a respeito dessa salvação não existiam idéias perfeitamente uniformes. Mas todas as esperanças tinham isto de comum: que Deus havia de cumprir as suas promessas, manifestar sua benevolência para com os seus eleitos e erigir seu reino de paz entre o homens². É óbvio que tal expectativa de um reino de paz podia levar a uma deturpação das esperanças messiânicas, de um "salvador" e "libertador" político.

O mediador de salvação na Bíblia

Na revelação dos desígnios de Deus a respeito da humanidade ressalta-se a importância do povo de Israel em relação aos outros povos. É através da história religiosa do Povo Eleito que se percebe como Deus trata os seres humanos. Com efeito, nenhum outro povo da antigüidade chegou ao conhecimento de uma relação, entre o deus tutelar e seu povo, baseada na amizade. Pois esse conhecimento não é fruto da intuição humana, mas revelação de Deus aos homens, manifestando sua convivência com eles, por sagrada Aliança, e sua atuação em meio às vicissitudes terrenas, para a salvação do povo. A Aliança

divina, motivada pela bondade de Deus, que transborda em amor para com os homens, tem como nota característica o aval de que também *Deus faz parte como autor da aliança*. Para manter-se em vigência, é preciso que as decisões divinas se encontrem com as humanas, dando seqüência à história da salvação. E é precisamente através das intervenções de Deus que se percebe como seu desígnio salvífico se realiza no Povo Eleito por meio dos mediadores de salvação.

Entretanto, os fiéis devem conscientizar-se de que a sua comunidade não é um fim em si. Ela é mediação da palavra de Deus, que se objetiva nos fatos históricos do povo de Israel, cujo destino está ligado ao desígnio salvífico de Deus na história. Se esse povo, que representa a mão divina atuando no meio da humanidade, ficasse desprovido dos mediadores divinos ou deixasse de existir, Deus, não tendo um povo a seu serviço, de outra forma estenderia sua influência sobre os outros povos, dando seqüência à história da salvação.

Dentro deste contexto da história salvífica não é de admirar-se que se

² No estudo dos messianismos na Bíblia costuma-se começar com a explicação do texto sobre a agressão da serpente contra o homem, cujo desfecho é a vitória prometida ao homem (Gn 3,13). Na interpretação messiânica atribui-se à passagem bíblica uma visão ampliada do conflito entre o homem e o mal. Entretanto, seu significado entende-se melhor sem a perspectiva de um futuro messiânico quando se leva em conta a classificação da serpente segundo duas taxonomias: zoológica e astronômica; a serpente é identificada como animal nocivo, segundo a taxonomia zoológica; segundo a taxonomia astronômica, a serpente é mero animal simbólico (cf. Dragão, Hidra, Serpente). Na narração bíblica (Gn 3) ocorrem as duas taxonomias: a serpente astuta que fala é figura astronômica, ao passo que a serpente que rasteja sobre o ventre, come pó e pica (v. 14-15), é animal nocivo, segundo a classificação zoológica. Trata-se aqui do mesmo animal em dois estágios sucessivos de existência: celeste e terrestre. Mediante o processo de desmitologização, que despoja as constelações siderais do simbolismo de divindades astrais, o animal astronômico é removido do firmamento e rebaixado à terra, condenado a rastejar como cobra sobre o pó (cf. Ap 12,9). Sobre este tema ver L. STADELMANN, "The serpent in paradise", in: *The Month*, (1996) SNS Vol. 29 No. 7, p. 263ss.

encontrem diversas categorias de mediadores por causa da amplitude da mediação salvífica que as inspirou no curso da história³.

O messianismo régio

O *messianismo régio* diz respeito à dinastia de Davi, cujo destino ficou ligado ao do próprio Povo de Deus, segundo a profecia de Natan: “Tua casa e teu reino estão estabelecidos para sempre diante de mim, e o teu trono está firme para sempre” (2Sm 7,16). O título de “filho de Davi”, que os habitantes de Jerusalém dão a Jesus, por ocasião de sua entrada triunfal em Jerusalém, no Domingo de Ramos, Jesus não o quer ostentar, mas também não o rejeita, pois censura os fariseus que quiseram calar as crianças (Mc 11,10; Mt 21,6-16; Lc 19,35-40). Os elementos literários dessa profecia messiânica têm de ser explicados no contexto da linguagem áulica em uso nas cortes do antigo Oriente Médio. Assim, a promessa de duração “para sempre” entendia-se em sentido temporal, referente ao período da vida do monarca⁴. A cláusula de perpetuidade do reinado tem sua origem no protocolo da entronização do novo rei, cuja cerimônia solene era celebrada no santuário. Ao ser investido de

poder e majestade, o rei recebia a confirmação do alto, através da Aliança com Deus, ratificada pela promessa de vinculação “indissolúvel” durante toda a sua vida⁵. Quanto ao sentido do messianismo régio, procuramos esclarecer a esperança messiânica, ligada à dinastia davídica. Enquanto a casa real de Davi estava em poder, durante quatro séculos antes do exílio babilônico, somente em situações de crise se manifestava a esperança na vinda dum rei que, dentro e fora do país, exercesse a função salvífica em favor dos súditos, quando oprimidos por dominadores estrangeiros. Após a supressão da monarquia davídica por agressão externa, restavam alguns descendentes da casa de Davi, lembrando às novas gerações de israelitas as glórias do império salomônico. Na liturgia, através da leitura de textos da Bíblia, evocavam-se os eventos da história salvífica e da dinastia davídica, portadora da esperança messiânica. Ali se vislumbrava a atuação do rei na perspectiva de um horizonte mais amplo, até alcançar os confins da terra, ultrapassando as fronteiras do território de Judá, e estendendo-se até às comunidades de fiéis localizadas nos países fora da Palestina. A função soteriológica do Messias beneficiará os súditos do seu

³ Cf. A. AMATO, *Jesús el Señor*, Col. BAC, Nº 584, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1998, p. 69.

⁴ Nos Salmos da realeza davídica (Sl 2;18;20;21;45;72;89;101;110;132;144) frequentemente se menciona a expressão “para sempre” aplicada à duração do reinado e/ou da dinastia.

⁵ O motivo de mencionar-se nos Salmos os reveses bélicos do rei (Sl 18,19) é para contrastar com as vitórias alcançadas por intervenção divina. O uso de hipóboles no relato das promessas alvissareiras é típico da linguagem áulica. Convém notar a referência à queda do rei e da monarquia davídica (em 587 a.C.), atribuída nos Salmos à infidelidade à Aliança divina (Sl 89,31-52). Nos mesmos Salmos inclui-se uma cláusula condicional à perpetuidade da promessa dinástica — originalmente formulada de maneira incondicional em 2Sm 7,1-29 — dizendo que a continuidade da casa davídica depende da observância dos preceitos da Aliança (Sl 132,12; cf. também 1Rs 9,4-5).

reino, como também as minorias israelitas, que, constituídas em comunidades de fé, se encontravam espalhadas entre as nações do mundo inteiro⁶.

A expectativa do rei messiânico realizou-se em Cristo, Filho de Davi. O nome de Cristo (palavra grega: *Christós*, transliterada para o latim) é o último reflexo da esperança messiânica ligada à dinastia davídica⁷. Em At 2,30s, o texto da profecia de Natan é diretamente aplicado ao Cristo, cuja ressurreição não é apenas libertação da morte, mas representa sua entronização como Rei e Messias.

O messianismo sacerdotal

O *messianismo sacerdotal* aparece depois do exílio babilônico (de 587-538 a.C.), quando a classe sacerdotal tomou virtualmente a direção do povo judeu. Mais do que uma função, trata-se de encontrar nos textos o embasamento desse tipo de messianismo numa instituição a serviço não só do culto litúrgico, mas também da organização e do fortalecimento da comunidade humana segundo a Lei de Deus. Não há uma explicitação muito precisa, mas podemos encontrar vestígios dele em Zacarias e nos documentos de Qumrân.

Na profecia de Zacarias anuncia-se a coroação do sumo sacerdote Josué (Zc 6,11-15), que exercerá seu ministério em colaboração com o futuro rei, cada qual na área de sua competência, visando a restauração do Povo Eleito na Terra Prometida. No Novo Testamento, com a perspectiva messiânica, o âmbito da história salvífica particular do Antigo Testamento, restrito à Terra Prometida, abriu seus horizontes até ao âmbito universal. Quanto aos documentos de Qumrân, que se referem ao "messias, surgido de Aarão e Israel" (CD 12,23; 14,19; 19,9-11; 20,1), não há outros textos sobre a expectativa messiânica, no sentido de mediação salvífica através do Messias-Sacerdote⁸.

O messianismo profético

O *messianismo profético* fundava-se na promessa feita a Moisés de que nunca faltariam profetas em Israel: "Será um profeta como eu que o SENHOR, teu Deus, para ti suscitará, do meio de ti, dentre teus irmãos" (Dt 18,15). Este texto considera Moisés como o primeiro dos profetas, ao qual futuramente sucederá um profeta maior que todos, e ele anunciará o cumprimento das promessas salvíficas. Até mesmo no Novo

⁶ Nos evangelhos sinóticos menciona-se a opinião, em voga nos círculos judaicos de então, de que os benefícios da salvação, trazidos pelo Messias, seriam reservados aos israelitas, pois o título "Filho de Davi" tem sua origem na tradição judaica (cf. Mc 7,24-30; Mt 15,21-28).

⁷ A referência à origem do Messias da "casa de Davi" visa ressaltar não tanto suas atribuições régias, mas a sucessão dos reis da dinastia davídica, querendo com isso chamar a atenção para a continuidade da história salvífica. Os textos proféticos do AT podem servir de suporte às esperanças messiânicas na vinda do mediador da salvação de alcance universal por intermédio do Reino de Deus.

⁸ Sobre as referências ao Messias nos documentos de Qumrân, ver I. KNOHL, *O Messias antes de Jesus: O Servo Sofredor dos Manuscritos do Mar Morto*, Imago Ed., Rio de Janeiro 2001; R.A. HORSLEY, "Grupos judeus palestinos e seus Messias na tardia época do segundo Templo", in: *CONCILIUM*, Nº 245 (1993/1) 24-41.

Testamento cita-se este texto, na pregação cristã (At 3,22; 7,37), dando a entender que a instituição do profetismo veterotestamentário prefigurava uma das funções do Messias. Os evangelhos sinóticos atestam, de diversas maneiras, que os contemporâneos de Jesus viam nele um profeta (cf. Mc 6,15; Lc 13,33). Para o evangelho de João a designação "o Profeta" é bem característica (Jo 1,21; 6,14). Ela nos lembra a passagem do Deuteronômio (Dt 18,15-18), onde Deus promete suscitar um profeta semelhante a Moisés.

O messianismo do "Servo de Javé"

O messianismo do "Servo de Javé", ou do "Servo sofredor", está baseado na descrição dramatizada de um personagem sofrido que se encontra no livro do profeta Dêutero-Isaías (Is 53,1-12). Trata-se de uma figura representativa da comunidade de fé israelita que, inocente, suporta o castigo para expiar a culpa dos outros. Nesta atitude de solidariedade, o "Servo de Javé" manifesta sua disposição para vincular sua vida à de outros em situação aflitiva; seu sofrimento é um apelo lançado à solidariedade humana para aliviar-lhes a dor, indo ao encontro deles com a disponibilidade de carregar seu fardo de pessimismo, desalento, desesperança e resignação fatalista. Além disso, ele intercede junto a Deus pelos transgressores, para que fiquem livres de suas cul-

pas e, obtido o perdão, se reúnam à comunidade de fé. O objetivo de sua missão é a "justificação" dos membros dispersos, para que a comunidade de fé cumpra o encargo de se converter em "luz das nações". Finalmente, o "Servo de Javé" sofre morte violenta, porque "tomou sobre si as nossas enfermidades"; ele "foi esmagado por nossas iniquidades", "fazendo Deus recair sobre ele o castigo das faltas de todos nós"; "foi morto pelo pecado de seu povo", porque "tomou sobre si os pecados de muitos homens e intercedeu pelos culpados". No Novo Testamento houve a fusão da idéia messiânica com o "Servo sofredor", afirmando-se que o sofrimento e a morte do "Filho do Homem" são necessários para a redenção⁹.

Antes do cristianismo se acalentava a idéia de um Messias sofredor entre os essênios de Qumrân e se acreditava que havia de ressuscitar "depois do terceiro dia"¹⁰. Trata-se da missão messiânica do líder religioso, cuja função fora vaticinada por Isaías 53, mas posteriormente caiu em esquecimento até ser novamente apregoada por uma comunidade de sectários à margem do judaísmo oficial, regido pelos saduceus e fariseus. Resta aprofundar a temática do messianismo entre os essênios de Qumrân para dirimir a questão acerca da expectativa messiânica abraçada por toda a comunidade de fiéis ou apenas por um grupo carismático que endossou o "movimento messiânico".

⁹ Cf. a citação: *sine effusione sanguinis non fit remissio*: "sem efusão de sangue não há remissão" (Hb 9,22).

¹⁰ Ver I. KNOHL, *op. cit.*, p. 60.

O messianismo do "Servo sofredor" não se tornou popular, certamente porque contrastava com as esperanças nacionalistas do povo judeu. Porém o motivo decisivo da aversão a esse tipo de mediador da salvação é que o Messias da expectativa dos judeus é impassível, pois não deve sofrer¹¹; o cristianismo, porém, prega o "Cristo (Messias) crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos" (1Cor 1,23). Essa morte não é atribuída às vicissitudes políticas daquela época, mas é vaticinada no Antigo Testamento¹², conforme a explicitação "segundo as Escrituras" (1Cor 15,3), em referência ao texto sobre o "Servo sofredor" do livro de Isaías (Is 53,1-12). Evidentemente, falar de um Messias impassível ou de um Messias-Mártir implica em duas concepções que, incompatíveis entre si, não podem ser reduzidas a um denominador comum. Nos evangelhos sinóticos é citada uma passagem contendo uma séria restrição, que o judaísmo faz contra o Messias-Mártir, recusando-se a adotar a religião cristã, a não ser que

seu divino fundador desça da cruz: então, os judeus hão de crer nele (Mt 15,32)¹³. Entretanto, a opção por uma dessas concepções sobre o Messias não resulta da preferência pessoal, mas da adesão ao desígnio salvífico de Deus a respeito da salvação da humanidade, realizado por intermédio do Messias, que, pela oblação da própria vida, realiza o gesto culminante de todos os seus gestos de doação, praticados por amor a Deus e ao próximo, durante os anos de sua existência na terra. Fica, porém, a pergunta sobre a modalidade da morte sangrenta de Jesus, pois ele poderia ter sido apedrejado (Jo 10,31), lançado em precipício (Lc 4,29), incinerado (Lv 20,14), decapitado (2Rs 6,31), frechado (Ex 19,13) ou suspenso pelo pescoço na forca (Dt 21,22). A resposta a essa pergunta tem de levar em conta não apenas a modalidade da morte sangrenta, mas também a morte ignominiosa na cruz (Gl 3,13) infligida ao "Servo sofredor" em repúdio a esse tipo de Messias que o judaísmo rejeita¹⁴. É que um mediador da salvação divina não

¹¹ A idéia da impassibilidade do Messias baseia-se num pressuposto, que, implícito na argumentação, está, de forma explícita, relacionado à concepção difundida entre teólogos controversos da Antigüidade: de que Deus seria impassível, isento de todo e qualquer sentimento, em contraposição a numerosos textos da Bíblia que falam do intenso amor de Deus pelos seres humanos e de sua dor: "é duro para o SENHOR ver morrer seus fiéis" (Sl 116,15). Sobre este tema ver SANTIAGO DEL CURA ELENA, "El Sufrimiento de Dios", in: *Revista Española de Teología* 31 (1990) 331-373.

¹² Veja-se a passagem: "Deus, porém, cumpriu desse modo o que havia anunciado pela boca de todos os profetas: que o seu Cristo (Messias) haveria de sofrer" (At 3,18).

¹³ A objeção do judaísmo contra a messianidade de Jesus é o fato de ele afirmar que sua morte é redentora e que faz parte da obra de salvação, em vez de admitir que é o fim trágico de sua trajetória terrena e nada mais é do que o término da vida biológica.

¹⁴ As lideranças judaicas e o partido dos herodianos rejeitaram Jesus como Messias, o mediador da salvação divina, porque não aceitaram o tipo de salvação que Deus lhes oferecia por meio dele, preferindo ao invés a salvação de sua própria escolha, consistindo na autonomia administrativa da Palestina, sem ingerência do governo romano, e na prosperidade material, como recompensa da observância da Lei mosaica.

poderia estar sujeito ao aniquilamento e à ignomínia. Essa objeção, com base num pressuposto do nacionalismo judaico, não leva em consideração aspectos essenciais da soteriologia, tanto em sentido teológico sobre o “resgate” a ser oferecido a Deus pela redenção da humanidade, quanto em sentido antropológico a respeito da solidariedade que Cristo manifesta em sua morte na cruz: a) solidariedade com os oprimidos pelo sofrimento, pela culpa, pela injustiça, a fim de redimi-los; b) solidariedade com os enganados de ajuda, cuja única saída seria: revolta, desespero, resignação fatalista; c) solidariedade com os pecadores arrependidos participando da obra de redenção. Convém ter presente o fato de que o tipo de solidariedade, mencionada aqui, não é um simples sentimento, mas significa participação na obra de redenção, na qual Cristo como também os sofredores compartilham as mesmas vicissitudes na cruz e a salvação definitiva na ressurreição. Devemos reconhecer também que a relação entre a morte ignominiosa e a ressurreição gloriosa de Cristo não está na mera oposição de dois pó-

los contrários, mas na reabilitação de Cristo-Mártir por Deus Pai ao ser elevado à sua direita no trono celeste. Por isso, a obra da redenção não se reduz à libertação das opacidades mais espessas do estado de pecado, mas a transcende com as radiações da ressurreição gloriosa no reino da graça.

No período pós-exílico foi retomada a reflexão sobre o “Servo de JAVÉ” e formulada em salmo de súplica (Sl 22) para ser recitado pelos fiéis na oração comunitária. O “Servo sofredor” é imagem dos sofrimentos do Povo Eleito durante o exílio; no desfecho positivo da desesperada situação humana retrata-se a restauração desse povo no período pós-exílico.

As frequentes citações do Sl 22 na “história da paixão” mostram que a Igreja nascente viu íntima relação entre as palavras angustiadas de Jesus na cruz e a suprema aflição desse “Servo sofredor”. Aqui tem sua expressão mais candente a angústia humana, a tentação ao desespero e o milagre da reversão do sofrimento. Ao assumir a provação extrema de se sentir abandonado por Deus, Cristo pe-

Posteriormente, Karl Marx, filho de pai judeu que passara ao protestantismo, adotou do judaísmo não só o messianismo, mas também a autodeterminação quanto à aceitação de um dos seis tipos de messianismo, apresentados na Bíblia, e a autodeterminação quanto à rejeição de qualquer personagem messiânico que não lhe agradasse. Além disso, Marx deu ao messianismo uma feição secularizada. Não admitiu o messianismo apregoado pela Igreja com base no Novo Testamento que aceita o Cristo como Messias-Mártir, o mediador divino de salvação para a humanidade. Do protestantismo adotou a característica de liderança carismática de um pastor à frente de um movimento religioso, cujos seguidores são pessoas unidas com preferências ou temperamentos afins. Marx não aceitou a estrutura institucional da Igreja, articulada mediante os ministérios e sacramentos, colegialidade e comunhão, ordem e jurisdição, diocese e igrejas locais. No lugar da religião colocou o ateísmo. As igrejas e sinagogas foram desativadas como casas de oração e reduzidas a museus, cinemas ou depósitos de mercadorias e provisões. Marx instrumentalizou o messianismo para dar esperança ao povo. Mas quem realmente mantém o chefe do governo no poder, nos Estados totalitários, não é o apoio do povo através de partidos políticos, mas a polícia secreta.

netrou no mais profundo isolamento humano e assumiu nosso sofrimento até o extremo. A indagação desesperada dos que mais sofrem neste mundo é conhecida por aquele no qual a bondade divina se encarnou. Sendo a morte de Cristo o paradigma do sofrimento humano, este salmo, integrado na "história da paixão", é representativo dos salmos de súplica. Entretanto, a profunda modificação introduzida neste salmo está no pedido, que em tais salmos vem acompanhado de imprecisão contra os inimigos, aqui não incluída. Tanto mais ficará ressaltada a intercessão de Cristo pelos pecadores: "Pai, perdoa-lhes" (Lc 23,34). A ação de graças pela libertação, na segunda parte do salmo (v. 23-32), constitui o núcleo da mensagem da ressurreição, proclamada pela Igreja nascente, que entendeu a paixão-morte-ressurreição como a decisiva intervenção de Deus na história: ao trazer-nos a salvação definitiva, libertou-nos da angústia e do desespero¹⁵.

O messianismo transcendente

O *messianismo transcendente* escatológico deve ser focalizado sob o ponto de vista da literatura apocalíptica dos tempos mais próximos de Jesus. Gira em torno da figura misteriosa do "Filho do Homem", vislumbrada na visão de Daniel (Dn 7,13). Trata-se de um

homem que transcende as capacidades de toda a criatura e sobrepuja as condições da humanidade¹⁶. Em virtude de sua participação no poder universal de Deus, o Messias é apresentado na figura gloriosa do "Filho do Homem", que se aproxima de Deus em vista de sua entronização solene: "Eu via, nas visões noturnas, e eis que, com as nuvens do céu, vinha um como Filho do Homem; ele chegou até o Ancião, e o fizeram aproximar-se da sua presença. E lhe foi dada soberania, glória e realeza: as pessoas de todos os povos, nações e línguas o serviam. Sua soberania é uma soberania eterna, que não passará, e sua realeza, uma realeza que jamais será destruída" (Dn 7,13-14). Nos livros apócrifos (Henoc, IV Esdras) é apresentado como um personagem real, que tem um nítido caráter transcendente.

O messianismo nacional

O *messianismo nacional* prendia-se à "eleição" de Israel para ser o Povo de Deus e o portador de sua mensagem de salvação para todas as nações da terra, conforme promessa feita a Abraão: "Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra" (Gn 12,3). Trata-se aqui de um messianismo em sentido mais amplo, que vê o alcance mundial da bênção divina por intermédio do Povo de Deus: "Abraão deve tornar-se uma nação grande e poderosa, na qual serão benditas todas as nações da terra" (Gn

¹⁵ Veja-se a interpretação e o comentário detalhado sobre o Sl 22 in: L. STADELMANN, *Os Salmos: Comentário e Oração*, Petrópolis, Ed. Vozes, 2001, p. 162-168.

¹⁶ São várias as interpretações do "Filho do Homem", mencionado em Dn 7,13. Para uns, trata-se de um homem em sentido coletivo (v. 27), simbolizando os "santos do Altíssimo" (v. 18-22), os israelitas fiéis. Para outros, significa um ser humano em sentido individual.

18,18; 22,18). Essas bênçãos são formuladas em termos de promessas messiânicas a serem cumpridas no curso de muitas gerações israelitas (Gn 26,4; 28,14).

Desse tipo de messianismo derivou-se o Messias nacionalista, que desempenha o papel de libertador de um grupo de marginalizados, organizados em sociedade alternativa. Para ilustrar a emergência de lideranças com apoio de minorias, relegadas à clandestinidade, podemos mencionar, em nosso país, o visionário Antônio Conselheiro, que fanatizou a população de Canudos, BA (em 1897), e os "monges", conhecidos como João Maria I, João Maria II e José Maria e vários outros, atuando na região do Contestado, SC, pelo fim do séc. XIX até 1915¹⁷. Conotação bem diferente têm os antagonismos causados pelos "muckers" entre imigrantes teutos nas colônias entre o Rio dos Sinos e Rio Cadeia, RS, nos anos de 1870 e seguintes. Pois não se trata de uma sociedade alternativa de cunho messiânico a ser implantada pelos se-

guidores de Jacobina, mas de arrebanhar novos prosélitos da seita anabatista. Suas raízes encontram-se entre os sobreviventes dos sectários de Münster, na Westfália (Alemanha), que emigraram para outros países¹⁸.

Cristologia e messianismo

A repercussão da ressurreição de Cristo na reflexão teológica da Igreja manifesta-se nas conseqüências de vital importância para a cristologia e para a revelação do mistério trinitário de Deus. Tal perspectiva cristológica é típica do apóstolo Paulo, profundamente marcado e transformado pela aparição de Cristo no caminho de Damasco. A seus olhos o que se destaca é a imagem do Senhor, constituído Filho de Deus em poder (Rm 1,4)¹⁹. O fato da ressurreição irradia luz sobre a morte de Jesus, que é parte essencial do "Querigma": "Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e ressurgiu" (1Cor 15,3-4). Para Paulo, é decisivo o evento salvífico da morte redentora e da ressurreição gloriosa, mediante as quais Cristo alcan-

¹⁷ Convém distinguir 1º entre o apelo místico, de cunho messiânico, como instrumentalização para arregimentar lutadores e 2º a expectativa de intervenção divina em favor do povo oprimido por mediação de "libertadores", liderando a luta contra os opressores. Nos dois casos alinham-se os líderes messiânicos, seja como caudilhos ou guerrilheiros; veja-se CELESTINO SACHET e SÉRGIO SACHET, *Histórias de Santa Catarina: O Contestado*, Ed. Século Catarinense, Florianópolis 2001.

¹⁸ O objetivo de Jacobina era fundar uma seita religiosa dedicada a crenças esotéricas, ao curandeirismo e ritos de cunho militante em clima de fanatismo. Ela se considerava como figura de Cristo: um Cristo-Mulher, e passou a chamar seus mais zelosos auxiliares, com os nomes dos apóstolos, tais como: Pedro, Judas, André. Veja-se AMBRÓSIO SCHUPP, *Os "Mucker": A tragédia histórica do Ferrabrás*, [Trad. Arthur Rabuske], Martins Livreiro-Editor, Porto Alegre, 5ª edição 2000.

¹⁹ O título "filho de Deus" atribuído a Jesus seria estranho ao judaísmo daquela época e por isso teria sua origem nas comunidades cristãs da cultura helenística, como aprioristicamente é afirmado por R. BULTMANN, *History of the Synoptic Tradition*, Oxford 1963, p. 291 e nota 4. Entretanto, a opinião de Bultmann pode-se refutar com base nos documentos de Qumrán da cultura semítica, onde se atesta o uso da expressão "filho de Deus e filho de Altíssimo" atribuída a um homem (4Q246, col. 1-2), cf. I KNOHL, *op. cit.* p. 98-105.

çou a vitória sobre os inimigos de Deus e se tornou Senhor sobre a sua comunidade de fé²⁰.

Esta compreensão plena do Messias contribuiu também para que Jesus fosse designado como o "Senhor" — título de reverência à sua dignidade real —, o "Revelador", com proclamações proféticas, o "Sumo Sacerdote" da nova aliança, o "Redentor", com funções salvíficas, o "Filho do Homem" a serviço da obra de salvação da humanidade, o "Filho de Deus", que obteve para nós a adoção de "filhos de Deus".

As esperanças messiânicas do AT receberam um novo enfoque no NT porque as expectativas tradicionais eram demasiadamente restritas aos anseios dos fiéis do povo de Israel. A partir do momento em que o cristianismo incorporou os gentio-cristãos, convertidos do paganismo e por isso pouco familiarizados com a tradição messiânica dos judeu-cristãos, as esperanças messiânicas veterotestamentárias transformaram-se em *afirmações cristológicas cristãs*. Abriu-se um horizonte mais amplo para o cumprimento dessas esperanças,

enquadradas no âmbito da história dos povos do mundo inteiro e não apenas do povo israelita e de suas comunidades de fiéis, localizadas fora da Palestina. Surgiu assim uma compreensão tipicamente cristã do Messias e de seu papel de mediador de salvação. Se, por um lado, Jesus rejeitara expectativas políticas, ligadas ao messianismo nacionalista dos judeus (At 1,6), por outro lado ele fazia jus ao título de Messias, porque outras expectativas ligadas à vinda do Messias estavam contidas em sua missão. Foi por isso que Jesus, designando-se a si mesmo "Filho do Homem", escolheu o título messiânico menos contaminado de nacionalismo judaico e de aspirações políticas.

O significado do título "Filho do Homem" se esclarece à luz da idéia expressa nas palavras de Jesus: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate da humanidade" (Mc 10,45). Trata-se de um semitismo que emprega o termo "filho" (*ben*) para identificar alguém que *está a serviço* de outrem²¹. Quanto à palavra "homem" (*'adam*)

²⁰ Nos textos do NT é atribuído a Jesus o título "Senhor" em reconhecimento do seu estado de glorificação, após a ressurreição, e da investidura na dignidade real e na plenitude de poder à direita de Deus (Lc 22,69). A especificação do título "Senhor" pelo pronome possessivo "nosso" visa indicar que Jesus assiste e guia a sua comunidade como Mediador. Por causa de sua *mediação* em favor dos fiéis é ele explicitamente invocado na oração para pôr-nos na presença de Deus e rezar conosco, pois a oração cristã é a oração de J. Cristo (Jo 16,26-27). J. Cristo, quando vivia na terra, intercedia pelos seus junto a Deus Pai. Após a ressurreição e tendo entrado na glória, J. Cristo não cessa de interceder por nós, ora conosco e em nós e, através de nós, na sua Igreja.

²¹ A designação da segunda pessoa da Trindade pelo nome de "Filho" não se baseia na projeção da nossa relação familiar sobre a Santíssima Trindade, porque Deus não tem família. Os evangelistas expressaram na língua grega a idéia semítica de alguém que exerce uma "missão" como foi o caso do "Servo de Javé", cuja missão era realizar a obra salvífica de cunho divino. Enquanto no AT se atribuía a função de Salvador a Javé, no NT é J. Cristo que se revela como Salvador, em íntima relação com o Criador, o Pai do Céu, e o Santificador, o Espírito Santo. A preferência pelo termo "filho" em lugar de "servo" se deve à igualdade de natureza divina, para evitar o perigo do subordinacionismo. Pelo fato

constam diversas acepções, sendo que o sentido coletivo “humanidade” é o mais apropriado a este título cristológico²². Quando Jesus se designa “Filho do Homem” não visa ressaltar sua excelsa dignidade, para contrastar com a humilhação, mas expressa a “missão” que lhe cabe desempenhar, pois — fato notável no AT — Deus promete a salvação por meio do homem. Entretanto, no NT convém não esquecer que o mediador dessa salvação é homem e Deus, e por isso a salvação realizada no mundo se aplica não apenas à primeira comunidade cristã de Jerusalém, mas se estende à humanidade inteira e visa não somente restaurar o homem decaído, mas constitui-lo seu herdeiro adotivo, elevando-o ao estado de “filho de Deus”, e aperfeiçoá-lo com dons sobrenaturais e meritórios da vida eterna.

O título de “Filho do Homem” deixou bem cedo de ser usado na Igreja nascente. O apóstolo Paulo já não chama ao Cristo “Filho do Homem”, mas “Filho de Deus” que tem a missão de fazer seus discípulos participarem da filiação divina (Rm 8,29). Jesus, porém, explicitamente usa este título honroso (Mt 16,16; 27,43; Mc 14,61-62; Jo 5,25;

11,4...). Encontra-se numa antiga fórmula de fé, em uso na liturgia cristã antes de ser inserida nas Cartas Paulinas: “Jesus Cristo, nosso Senhor, foi constituído pelo Espírito Santo, Filho de Deus com poder, por sua ressurreição dentre os mortos” (Rm 1,4).

A expressão “Filho de Deus” é aprofundada pelo apóstolo Paulo, de forma a abranger “todos os modos de ser de Cristo”²³, o pré-existente, o enviado para a obra da redenção, o glorificado e o salvador que aparecerá para o juízo. O interesse de S. Paulo, porém, não se dirige unicamente para o ser e a natureza do “Filho de Deus”, mas engloba também seu significado salvífico quanto a nós: O “Filho de Deus” obteve para nós a filiação adotiva, tornando-nos “filhos de Deus” (Gl 4,5; Rm 8,14-17).

Por que era necessário que o mediador fosse “Filho de Deus?” A resposta está na missão de Cristo, pois não se limitava a dar cumprimento às promessas messiânicas, intraterrenas ou transcendentais, mas visava elevar os seres humanos à participação na sua glória, mediante a vitória sobre a morte, obtida por meio da sua ressurreição (1Cor 15,53-57). A meta da mediação salvífi-

de em Deus haver três modos diferentes de agir, aduzem-se três modos diferentes de ser da divindade, pois o modo de agir é conseqüente com o modo de ser. É por isso que a Igreja ensina que na mesma e única natureza divina subsistem três pessoas divinas, a que damos os nomes de Pai, Filho e Espírito Santo.

²² O termo “filho” ocorre com vários sentidos, nos textos bíblicos em poesia e prosa. O significado mais apropriado à expressão “filho do homem” é o que se relaciona à sua função, i.e. sua missão na vida, pois se costumava usar “filho” para designar “discípulo, seguidor, funcionário, encarregado, cidadão”. Cf. E. JENNI - C. WESTERMANN, *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament* I, Kaiser, München - Theologischer Verlag, Zürich 1971, (ben), col. 316-325 e (adam) col. 41-57.

²³ Cf. R. SCHNACKENBURG, *La persona de Jesucristo. Reflejada en los cuatro Evangelios*, Herder, Barcelona 1998, p. 444ss. Quanto aos textos dos Evangelhos, que nos apresentam a pessoa de Cristo em sua dignidade excelsa, podemos compreender melhor seu sentido em sua relação com Deus Pai.

ca não está ausente ao pensamento de S. Paulo, quando considera o messianismo de Cristo, cuja consumação é sua ressurreição, penhor da nossa ressurreição futura.

Bibliografia

A. AMATO, *Jesús el Señor*, (Trd. Demetrio Fernández), Col. BAC, Nº 584, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 1998.

J. BECKER, *Messiaserwartung im Alten Testament* (Stuttgarter Bibelstudien 83), Stuttgart 1977.

Israel KNOHL, *O Messias antes de Jesus: o Servo Sofredor dos Manuscritos do Mar Morto*, [Trd.L. Rumchinsky], Imago, Rio de Janeiro 2002 (original inglês 2001), p. 146.

R. BROWN, *An Introduction to New Testament Christology*, Paulist Press, New York 1994, esp. 1ª excursão sobre a história do desenvolvimento da esperança messiânica em Israel.

H. CAZELLES, *Le Messie de la Bible. Christologie de l'Ancien Testament*, Tournai-Paris 1978.

R. E. CLEMENTS, "The Messianic Hope in the Old Testament", em *Journal for the Study of the Old Testament* 43 (1989) 3-19.

C. A. EVANS - P. W. FLIN, *Eschatology, Messianism,*

and the Dead Sea Scrolls (Studies in the Dead Sea Scrolls and Related Literature, V.1.) Wm. B. Eerdmans, Grand Rapids MI 1997.

A. GELIN, "Messianisme", in: *DBS V*, Létouzey et Ané, Paris 1957, col. 1165-1212.

T.N.D. METTINGER, *King and Messiah* (Conlectanea Biblica, Old Testament 8), Lund 1976.

S. MOWINCKEL, *He That Cometh*, Abingdon, New York - Nashville 1954.

J. SCHARBERT, *Der Messias im AT und im Judentum: Die religiöse und theologische Bedeutung des AT*, Echter, Würzburg 1967.

R. SCHNACKENBURG, *La persona de Jesucristo. Reflejada en los cuatro Evangelios*, (Trd. Constantino Ruiz-Garrido), Col. Biblioteca Herder, Ed. Herder, Barcelona 1998.

U. STRUPPE (ed.), *Studien zum Messiasbild im Alten Testament* (Stuttgarter Biblische Aufsatzbände 6), Stuttgart 1989.

S. TAVARES, *Cruz de Jesus e o Sofrimento no mundo*, Ed. Vozes, Petrópolis 2002.

Endereço do autor:

Cx. Postal 135

88010-970 Florianópolis - SC

E-mails: peluis@colegiocatarinense.g12.br

lstadelmann@yahoo.com

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Porque o tema dos messianismos na Bíblia é importante?
- 2- Para você qual é o sentido do termo Messias atribuído a Jesus Cristo na Bíblia? Porque?
- 3- Essa temática dos messianismos na Bíblia está presente na reflexão teológica atual? Que se pode aprender dela?

Recordar é reviver...

O sexênio 1995-2001 na trajetória de 50 anos da CRB.

PE. JOÃO ROQUE ROHR, SJ

Introdução

A equipe de redação da Revista Convergência pediu-me um texto sobre a Vida Religiosa no Brasil e a vida da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) nos anos em que fui Presidente Nacional em vista do resgate histórico deste período na celebração do Jubileu de Ouro de nossa Entidade. Para os que viveram e participaram dos acontecimentos deste tempo ainda recente, talvez seja desnecessário e dispensável descrevê-lo e comentá-lo. Penso, porém, nos que não tiveram oportunidade de conhecer e de acompanhar as propostas e as atividades que nos congregam na mesma Instituição, mantendo-se por diversas razões alheios ou refratários ao que ocorreu então. Penso, também, nas gerações futuras que poderão inspirar-se na experiência vivida e relatada, não para repeti-la simplesmente, mas para projetar luz e incutir ânimo para prosseguirem com entusiasmo e criatividade a obra iniciada em 1954, procurando responder aos desafios de seu tempo, no intuito de preservar o espírito e a identidade plasmada pelos pioneiros e pelas gerações que nos precederam.

Imaginando-me o interesse dos leitores destas páginas e a fiel interpretação da incumbência recebida do Conse-

lho Editorial da Revista Convergência, consigno por escrito, em forma narrativa, o que considero significativo e digno de conservar na memória e o que foi marcante no período em questão. Como expediente mnemotécnico e didático, valho-me da metáfora das telas do computador quando animadas por um programa de data-show, como o Power-Point ou o Corel-Draw. Apelo para a imaginação do leitor, procurando ajudá-lo a dar vida e movimento ao que está nas entrelinhas das palavras e dos parágrafos, compondo quadros que falem eloqüentemente daquilo que ocorreu e como foi vivido.

Pretendo ser inteiramente objetivo, sem julgamentos subjetivos e comparações inadequadas, respeitando, contudo, interpretações divergentes, num jubiloso respeito pelo diferente. Alerto, apenas, para o fato de que o sexênio em foco foi precedido por 41 anos de História desde a fundação da CRB, com todos os altos e baixos relevos que toda instituição carrega consigo. Sua História passou a ser a nossa História, quer pessoal, quer congregacional, porque nos identificamos com a sua natureza, sua finalidade e seus objetivos de animar, articular, coordenar e promover a Vida Religiosa no Brasil.

Abrindo as telas...

1ª. Tela: As Assembléias Gerais – julho de 1995, 1998, 2001.

Como na maioria das Associações ou Sociedades, a Conferência dos Religiosos do Brasil tem, também, na Assembléia Geral a sua maior instância de deliberação e decisão. Estatutariamente, reúne-se de três em três anos para apreciar e aprovar os relatórios de Atividades, a prestação de contas, e para fixar o Objetivo Geral e as Linhas de Ação para o próximo triênio, para o qual elege a Diretoria, o Conselho Superior e o Conselho Fiscal. Em cada uma delas, reúnem-se aproximadamente 700 pessoas, representando quase 38 mil Religiosas e 11 mil Religiosos. São Superiores e Superiores Gerais e Provinciais representando os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica e Delegações das Secções Regionais numa eloqüente demonstração de intercongregacionalidade e interregionalidade em torno de uma causa comum que irmana a todos.

De 24 a 28 de julho de 1995 ocorreu a XVII Assembléia Geral Ordinária nas dependências do Colégio São Luís, em São Paulo. Precedida de longa e esmerada preparação, tanto nos aspectos organizacionais, quanto nos estudos preliminares encaminhados pela Comissão Central, abordou a temática da "Modernidade Brasileira e Novos Rostos da Missão". Para contextualizar esta problemática e situá-la na conjuntura nacional e internacional, descrevendo suas manifestações e implicações, foram convidados como palestrantes os Padres João Batista Libânio e Cláudio Perani.

O primeiro, com sua conhecida verve e acuidade, discorreu didaticamente sobre as repercussões da Modernidade na Vida Religiosa e os desafios daí decorrentes. Apontou os benefícios e ganhos da Modernidade, tais como a busca da eficiência, o avanço tecnológico, o desenvolvimento da subjetividade, o incentivo à criatividade. Mostrou, também, os limites e patologias: a crescente exclusão das maiorias, o descaso da ética, a destruição dos valores, a perda do sentido de transcendência. O segundo, a partir de sua longa experiência na abordagem das questões sociais, sensibilizou a platéia com a descrição dos novos rostos da pobreza e o fenômeno da exclusão, mostrando suas causas e analisando suas conseqüências.

Emoldurando o tema central, em vista do enriquecimento das discussões em grupos e das conclusões a serem votadas em plenário, a Assembléia debruçou-se, ainda, sobre os resultados da IX Assembléia Ordinária do Sínodo dos Bispos enfocando "A Vida Consagrada e sua Missão na Igreja e no Mundo", levando em consideração a confiança no futuro de uma Vida Religiosa que procure responder aos desafios do tempo atual, em fidelidade criativa aos carismas fundacionais e outros pontos reafirmados pelo Sínodo, acolhidos com alegria.

Perpassaram ao longo da Assembléia os ecos do COMLA V, realizado imediatamente antes em Belo Horizonte, despertando em todos renovado espírito missionário, as recentes "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil", reafirmando o desejo de nos

inserirmos sempre mais na comunhão eclesial, através do diálogo sincero, da transparência nas relações, da disponibilidade para o serviço. Sintonizamos, também, as Linhas Inspiradoras do Plano Global da CLAR em vigor neste período: inculturação, opção preferencial pelos pobres, comunhão eclesial, a mulher e o feminino, espiritualidade inculturada.

Entremeadas por animadíssimas celebrações, expressando a variedade étnico-cultural do país, as discussões nos grupos e os debates em prolongados plenários conduziram à elaboração do seguinte Objetivo Geral a nortear os rumos da Conferência no triênio:

"Dinamizar a Vida Religiosa, em fidelidade criativa ao Evangelho e aos carismas fundacionais, em comunhão com todo Povo de Deus e seus Pastores, incentivando, segundo a imagem do Deus Trino e à luz da opção pelos pobres, atitudes, ações e projetos de solidariedade, em parceria com as forças promotoras da vida, nas diferenças de gênero, etnia, cultura e faixa etária, indo ao encontro dos novos rostos da missão".

Vinte e dois compromissos foram elaborados e aprovados ao final dos trabalhos. Todos eles foram propostos para serem operacionalizados pela Diretoria Nacional, pelas Regionais, pelos Grupos de Reflexão e Ação, pelas Congregações e por todos os associados dispostos a colaborar com a sua entidade. A Programação Religiosa de cada ano disporia as atividades conforme as circunstâncias de lugar, de urgências e de possibilidades.

A Assembléia foi encerrada com a proclamação e tomada de posse dos eleitos como membros da Diretoria Nacional, do Conselho Superior e do Conselho Fiscal, tudo como está prescrito pelo Estatuto. O alvoroço da despedida e da dispersão dos participantes por todo território nacional se constituiu num valioso prenúncio da vitalidade da Conferência e sua disposição de pôr em prática o que foi assumido em conjunto pelos que têm a missão de animar seus irmãos e suas irmãs na realização de sua vocação.

Decorridos três anos, aconteceu a XVIII Assembléia Geral Ordinária, no mesmo salão de eventos do Colégio São Luís, em São Paulo, nos dias 20 a 24 de julho de 1998. Sabendo que no próximo triênio haveríamos de transpor os umbrais do novo século e milênio, em consonância com os preparativos da Igreja e da humanidade, tomamos como tema central "Novo milênio e refundação da Vida Religiosa: Mística Evangélica - Missão inculturada - Presença solidária". Novamente foram enviados aos participantes da Assembléia subsídios elaborados pelos Grupos de Reflexão, repercutindo conceitos e apontando rumos inspirados na Exortação Apostólica Pós-sinodal "Vita Consecrata", na carta-encíclica "Novo Millennio Adveniente", no projeto da CNBB "Rumo ao Novo Milênio". A literatura específica da Vida Religiosa discorria fartamente sobre a idéia da Refundação elaborada originariamente no mundo anglo-saxônico, mas adotada aos poucos em todas as partes do mundo, sem abandonar a rica trajetória da experiência

latino-americana que, desde o Concílio Vaticano II e as Conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingo acentuava as dimensões da inserção no mundo dos pobres, a inculturação, os compromissos com a inseparabilidade da fé e da justiça. Cunhou os termos que, em decorrência destas visões, deveriam levar a Vida Religiosa à periferia, à fronteira e ao deserto.

Novamente a Assembléia Geral foi uma demonstração da pujança e da vitalidade dos Religiosos e das Religiosas do Brasil. Em clima de festa e de comunhão intercongregacional, seus representantes se dedicaram com denodo e afinco aos temas propostos pelos conferencistas tirados dentre os próprios assessores da CRB. Atendendo ainda às considerações dos Bispos representantes da CNBB que presidiam as celebrações eucarísticas ou proferiam alguma alocução como o fez Dom Erwin Krautler, Bispo da Prelazia do Xingu e responsável pela dimensão missionária na CNBB, falando sobre as carências e necessidades de toda ordem da Amazônia, clamando por socorro, pouco a pouco, em sucessivas versões, foi surgindo o Objetivo Geral do seguinte triênio e respectivas Linhas Inspiradoras:

"Sensível aos "sinais dos tempos", em criatividade fiel ao Evangelho, segundo os carismas fundacionais, em atuação intercongregacional e parceria com leigos e leigas, dentro da comunhão eclesial, A CRB SE PROPÕE A ANIMAR UM PROCESSO DE REFUNDAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA, enraizado na mística evangélica que brota da ternura e compaixão de Deus Pai e Mãe, vivido em

missão inculturada sob o dinamismo do Espírito, e em presença solidária entre os pobres, no seguimento de Jesus Cristo, para a transformação social, em vista do Reino".

Eram oito as Linhas Inspiradoras para animar a vida religiosa em todas as suas instâncias:

1. Espiritualidade integradora das diversas dimensões da vida e geradora de compromisso.
2. Experiência de discipulado no processo formativo.
3. Diálogo com os diferentes sujeitos culturais.
4. Inculturação do ser e da missão da Vida Religiosa.
5. Solidariedade cristã nas questões de gênero, etnia, exclusão e meio ambiente.
6. Solidariedade profética e qualificada.
7. Vida comunitária personalizada e participativa.
8. Juventude e futuro.

Após este trabalho exaustivo, mas gratificante, passou-se à eleição dos novos membros da Diretoria, do Conselho Superior e do Conselho Fiscal. Além do Presidente, foram reconduzidos dois outros membros que já integravam a Diretoria anterior, conforme permite o Estatuto. Também no Conselho Superior foi reeleita a Ir. Máris Bolzan, que o presidiu durante o triênio.

A XIX Assembléia Geral Ordinária, encerrando o segundo triênio, teve lugar novamente no Colégio São Luís, nos dias 9 a 13 de julho de 2001. Foi preparada com larga antecedência, mediante subsídios de reflexão em vista da preparação dos participantes para

aprofundar o tema central que versou sobre “Tempo de Sinais, Sinais dos tempos – provocações para a Refundação da Vida Religiosa”.

Como a anterior, também esta foi precedida de uma pesquisa de opinião. Enquanto a primeira perguntava a uma representativa amostra de religiosos e religiosas a respeito de 30 questões referentes à Vida Religiosa, a segunda foi respondida por formadores de opinião, procurando captar como representam a Vida Religiosa no Brasil de hoje. Ambas estão publicadas pela Editora Loyola.

A partir das avaliações das assembleias anteriores e do esforço por inovar metodologias mais participativas e menos cansativas, os organizadores se esmeraram em acomodar os 650 participantes em torno de 73 mesas redondas, cercadas por 5 telões onde foram projetadas imagens, textos e ilustrações que animaram todo o evento. Por meio de vídeos e data-shows tornaram presentes os testemunhos e as sugestões de dezenas de nossas irmãs e irmãos de diversas idades e realidades.

Representantes dos Organismos do Povo de Deus – bispos, leigos e leigas, sacerdotes, diáconos, além de toda a Diretoria da CLAR honraram a assembleia com a sua simpática presença e palavra. Como o faz há muito tempo, também compareceu um representante da comunidade de Taizé, em comunhão ecumênica.

O resultado desta XIX vibrante Assembleia Geral foi uma belíssima Mensagem apontando SINAI DE ESPERANÇA face às provocações e aos apelos que brotam da realidade conjuntural e estrutural do mundo a ser evangelizado.

Em lugar do tradicional Objetivo Geral e das Linhas de Ação, legou à Vida Religiosa do Brasil Marcos Indicadores para o triênio 2001-2004. Não os reproduzo aqui, porque estão estampados em todas as contra-capas da Convergência.

Um marco histórico nesta Assembleia foi a eleição da primeira mulher, Ir. Maris Bolzan, SDS, para Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil. É justo e salutar, porquanto a Conferência é mista desde o princípio e, no que pese a grande assimetria numérica, convém que seu coração pulse em sístole e diástole, conjugando o masculino e o feminino em fraterna e soróica harmonia.

2ª. Tela: A ATUAÇÃO DAS DIRETORIAS

O arquivo da CRB Nacional registra e documenta longas e minuciosas atas das reuniões das Diretorias realizadas no decorrer destes 50 anos. Nos dois períodos em que as presidi, constam 36 reuniões ordinárias e umas 10 extraordinárias. Cada uma delas, com duração de dois dias, em parte tratava de assuntos administrativos relacionados às atividades-meio da Instituição, mas o principal tempo era dedicado às atividades-fim no cumprimento das disposições estatutárias para operacionalizar a missão de animar, coordenar, articular e promover a Vida Religiosa no país. Os assessores e as assessoras dos diversos Grupos de Reflexão participavam destas reuniões não somente para informar e tratar assuntos de seu setor específico, mas opinavam sobre o andamento geral da entidade qualificando as decisões a serem tomadas.

Não nego que algumas destas reuniões tenham sido bastante aborrecidas, quer pelos assuntos enfrentados, não despertando igual interesse para todos, quer pela maneira como eram conduzidas por mim ou por outro encarregado de moderá-las. Mas, nem de longe os aborrecimentos superavam as alegrias e as satisfações. Em geral, o clima era de descontração e contentamento, com bom nível de produtividade. Sabíamos aliar o útil ao agradável. Nos intervalos das prolongadas horas ao redor daquela mesa na sala de reuniões, celebrávamos a vida ao redor da mesa da Eucaristia na singela capelinha da sede e confraternizávamos nas horas das refeições que tomávamos juntos alimentando o corpo e arejando o espírito com algumas anedotas de salão para manter o bom humor e manter elevado astral.

Felizmente as atividades das Diretorias não se restringiam às funções burocráticas que numa instituição também são necessárias. Dividíamos as tarefas de modo que cada um acompanhasse determinados Grupos de Reflexão, eventos importantes como seminários, simpósios, cursos e representasse a Nacional nas Assembléias Regionais anuais. Com isto estabeleciam-se canais de comunicação com as bases da Vida Religiosa organizada em 20 Secções Regionais.

No primeiro triênio, a Diretoria deu continuidade aos procedimentos já estabelecidos, aperfeiçoando suas rotinas. No segundo triênio, atenta às sugestões provenientes de avaliações e críticas muito sinceras e construtivas, enfrentou decididamente uma Análise Institucional a

partir de um Manual que havia encomendado há tempo a alguns religiosos peritos nestas questões. Parte do tempo foi dedicado ao estudo teórico e ao treinamento de seu pessoal. Em seguida, aplicou estes conhecimentos à estrutura e funcionamento da própria CRB, tanto em nível nacional, como regional. Resultou daí um redimensionamento da Instituição que atualizou e ajustou a teoria, a prática e a organização. Uma vez aprovado o novo modelo, partiu-se para pô-lo em marcha. Isto demandava um planejamento participativo para a elaboração de um Plano Global de Ação que foi redigido e implementado.

A dedicação, o elevado grau de compromisso e o entranhado amor à causa da Vida Religiosa demonstrados por todos os membros das Diretorias, evidenciando um profundo sentido de pertença à Conferência que irmana a todos, foram sobeja e generosamente reconhecidos nas três Assembléias que apreciaram e aprovaram os Relatórios apresentados. Esta foi a mais gratificante recompensa pelos esforços dispendidos.

3ª. Tela: Os Conselhos Superiores e Fiscais

Embora o Estatuto da Conferência prescreva apenas uma reunião anual dos dois Conselhos, as circunstâncias e a vitalidade passaram a exigir maior número de encontros para dar conta das atribuições e das competências de cada um. Por iniciativa própria, em consonância com as Diretorias, os conselheiros não se restringiram a dar apenas o seu parecer sobre as atividades realizadas, mas dispuseram-se a promover es-

tudos e debates entre si para propor sugestões para o melhor desenvolvimento da Instituição. Papel preponderante desempenharam alguns deles na elaboração do Plano Global de Ação, após participação ativa e criativa no redimensionamento da CRB.

Logo no início da primeira gestão o Conselho Fiscal se empenhou muito para acompanhar e aplicar a legislação em constante mudança sobre a filantropia. Tudo isto não apenas em causa própria, esforçando-se em conservar a imunidade como entidade portadora de Certificado de Filantropia, mas assessorando outras entidades nas mesmas condições. Tudo isto implicou em participação em inúmeros seminários e estudos internos para adaptar a contabilidade a fim de que resistisse às exigências de auditorias prescritas e se credenciasse para a devida renovação dos Certificados.

Graças às generosas contribuições sociais da maioria dos associados à CRB e à boa administração dos bens materiais e financeiros de que se pôde dispor, complementados pelas valiosas doações provenientes de agências amigas e benfeitoras do exterior, sempre foi possível honrar todos os compromissos assumidos. Por isso, consigno aqui os mais sinceros agradecimentos de todos quantos foram agraciados pelos benefícios recebidos.

4ª. Tela: Os Grupos de Reflexão e Ação

No triênio de 1995 a 1998 raros eram os dias em que não se reunisse na sede da CRB Nacional algum Grupo de Reflexão e Ação. Cumprindo um extenso ca-

lendário anual estabelecido na Programação Religiosa, os membros dos grupos cumpriam agendas que comportavam a elaboração de textos, o preparo de seminários e simpósios, o estudo de temas pertinentes ao seu setor, os relatórios sobre a sua participação em eventos nacionais ou internacionais, geralmente promovidos pela CLAR, ou entidades congêneres da Igreja por iniciativa da CNBB ou eventos promovidos pela sociedade civil organizada. Tudo isto colocava a CRB em rede com muitas parcerias internas e externas.

A Análise Institucional aplicada à estrutura e funcionamento da CRB como um todo, à evolução e dinamização das Secções Regionais que se criaram e firmaram ao longo do tempo até atingirem o número de 20, demandou um redimensionamento dos Grupos de Reflexão e Ação e suas respectivas assessorias. O critério principal aplicado no processo foi a capacidade que as Regionais teriam em organizar seus próprios grupos de reflexão nos setores em que sentissem maiores necessidades e possibilidades. Não haveria obrigação de reproduzir em cada Regional grupos homônimos existentes na Nacional ou noutras Regionais. A Nacional conservaria as Equipes de Reflexão que dificilmente se poderiam organizar em todas as Regionais. Os Assessores e as Assessoras passaram a constituir-se numa Coordenação Executiva Nacional (CEN), formando um colegiado para acompanhar a consecução de todas as dimensões decorrentes das diretrizes emanadas das Assembléias Gerais e das Diretorias. De certa maneira conseguiu-

se algum enxugamento da "máquina", preocupação manifestada em diversas ocasiões e instâncias.

No formato atual ou no anterior, a Vida Religiosa no Brasil deve muita gratidão e reconhecimento às centenas de religiosas e religiosos que gratuitamente integraram grupos de reflexão, oferecendo-lhes precioso tempo e energia.

5ª. Tela: A colaboração entre religiosos e leigos

Este relato e depoimento ficariam totalmente incompletos se não tivesse uma referência explícita à colaboração dos leigos e das leigas na missão dos religiosos e das religiosas na CRB. Muitas e muitos deles se identificam de tal maneira com o espírito e o modo de ser e de proceder da Instituição a que estão vinculados que os visitantes os confundem com os próprios associados. Na verdade vivem de tal maneira a sua consagração batismal, fonte de todas as vocações cristãs, que poderiam associar-se com um vínculo que transcende o contrato laboral, expressando a dimensão laical do que os religiosos e as religiosas vivem com uma nova e especial consagração batismal.

Com interesse e grande sentido de pertença cumprem profissionalmente suas funções e seus serviços, visando sempre o maior bem da Conferência que lhes dá espaço para sua realização pessoal e criativa. Retribuem-lhe com fidelidade e desvelo pelos serviços prestados com simpatia e solidariedade.

A todos eles e elas a CRB presta uma especial e carinhosa homenagem na celebração dos 50 anos, orgulhando-se

das pegadas deles entrecruzando-se nos caminhos percorridos em conjunto. Aos que me acompanharam nos dois triênios aqui enfocados, minha gratidão e saudosa lembrança que carrego comigo onde quer que esteja e incluo nas minhas preces e celebrações.

6ª. Tela: As articulações com as Secções Regionais

Na medida em que o tempo foi passando criaram-se sucessivamente as Secções Regionais. Na minha gestão consolidou-se a Regional de Porto Velho e se criou a de Palmas, completando-se o número de 20. Assimétricas entre si em quantidade de associados, em recursos humanos e econômicos, em extensão geográfica e em densidade demográfica, todas elas tem em comum a mística que as anima e o amor à entidade que as congrega entre si. Estão sob o mesmo Estatuto que lhes garante a unidade na diversidade regional.

A orquestração destas diversidades na unidade foi sendo construída paulatinamente com a consciência de que cada qual executa seu instrumento a partir de uma mesma partitura em constante reelaboração, com a qual está comprometido. Para obter a harmonia desejada e o ritmo cadenciado, diversas providências foram tomadas. A mais significativa e emblemática é, sem dúvida, o Encontro anual das presidências e assessorias regionais com a Diretoria Nacional, o Conselho Superior e Fiscal. São aproximadamente 70 pessoas que se reúnem em regime de internato durante 4 ou 5 dias para relatar uns aos outros suas realidades e realizações,

seus êxitos ou fracassos, seus sonhos e esperanças. Estabelecem-se aí os canais de comunicação tão necessários para a entre-ajuda que se pode dar e receber. É uma excelente oportunidade para aferir as pulsações do coração da vida religiosa e reforçar seus movimentos de sístole e diástole. Mais do que isto: é um verdadeiro *kairós*, cheio de graça, em que as pessoas que tecem a rede da mesma missão se encontram ombro a ombro, olho no olho, apoiando-se mutuamente e celebrando com cânticos e orações a vida que circula de mão em mão entrelaçada. É o lugar e o tempo em que o trabalho se faz festa. Levo saudades dos seis encontros de que participei e de vez em quando rodo o filme que os registrou na minha memória.

Nesta mesma linha de articulação das Regionais com a Nacional muito contribuíram os encontros de fevereiro entre assessorias nacionais e regionais. Primeiramente tinham o caráter de se capacitarem na metodologia da leitura orante do projeto "Tua Palavra é Vida". Posteriormente, quando o projeto já estava concluído, estes encontros prosseguiram com o caráter de formação permanente para o melhor desempenho nas tarefas de assessoria e coordenação. Sempre tiveram excelente aceitação e trouxeram grande proveito para os participantes e a instituição.

7ª. Tela: Os Cursos de Formação Permanente

Instituídos há muito tempo, os cursos de formação permanente prestaram indubitavelmente um excelente serviço à Vida Religiosa no Brasil. Cada um

deles oferecia uma programação diferente em termos de conteúdos, de metodologia, de duração e de destinatários. Tinham em comum entre si o fato de acontecerem em regime de internato e dedicação exclusiva por parte dos formandos e dos formadores.

Assim, o CETESP (Centro de Estudos Teológicos e de Espiritualidade da VR) desenvolveu cada ano dois cursos de quatro meses para atuais ou futuros formadores/as. Grupos de 40 a 50 religiosos e religiosas, acompanhados por uma dupla de coordenadores e diversos assessores desenvolviam um programa previamente definido de áreas de conhecimento julgadas adequadas para esta atualização e alguns exercícios de crescimento pessoal humano-espiritual. Cada curso culminava com um retiro de 8 dias orientado por um diretor e pelos acompanhantes espirituais que já prestavam este serviço ao longo do curso.

É evidente que nem todos tiravam igual proveito desses cursos. Muito dependia de sua real situação na Congregação, sua motivação, seu empenho em ser sujeito de seu próprio desenvolvimento e do clima que se estabelecia nos grupos. Contudo, as avaliações revelavam que em geral o CETESP oferecia uma boa contribuição para as Congregações, capacitando os cetepistas para a exigente missão de qualificar melhor a formação.

Os Cursos do CERNE (Centro de Renovação Espiritual), em número de três por ano, ofereciam aos inscritos uma boa ocasião de dar uma parada de 26 semanas num lugar tranqüilo de uma casa de retiro, em companhia de uns 50 co-irmãos e co-irmãs, para um reju-

venescimento humano-espiritual, na busca de uma atualização, sem caráter acadêmico, dos conhecimentos teológico-espirituais, sociológicos, psicológicos adequados à situação em que cada um estava vivendo. Grande riqueza era, sem dúvida, a experiência da intercongregacionalidade e a retomada da direção espiritual com pessoas que se dispunham para isso, acompanhando a coordenação e os assessores convidados. Para mim, o contato com os cerinistas, que me pediam em cada curso uma explanação sobre a situação e as perspectivas da Vida Religiosa no Brasil e na América Latina, representava sempre uma experiência valiosa, porque me punha em contato com uma significativa amostra do que se passava no Brasil. Por outro lado, me ofereciam a oportunidade de difundir capilarmente as idéias que estavam em andamento pelo Brasil, pela América Latina e pelo Mundo a respeito da Vida Religiosa e da Igreja.

Muito importantes foram, também, os Cursos do CETESBI (Centro de Teologia e Espiritualidade Bíblica). Efetuados em etapas, tinham a finalidade de capacitar os participantes na metodologia da Leitura Orante de Bíblia, acompanhando o lançamento da coleção "Tua Palavra é Vida". Quem participava se comprometia a repassar a experiência nas suas Regionais e Províncias. Se o seguimento de Jesus Cristo é o elemento mais comum na diversidade dos carismas, a leitura orante da Bíblia não deixa de ser a mais universal experiência presente em todas as espiritualidades.

Originalísimos, sem notícia de algo

similar no mundo, são os Cursos e Seminários do PROFOCO (Programa de Formação de Contemplativas). Realizados sempre no mesmo lugar, na Casa de Retiro São Vicente, dos Irmãos da Misericórdia, em Igarapé, MG, oferecem às Irmãs Contemplativas de diferentes Conventos e Mosteiros um programa de formação organizado em três etapas, seguidas de um Seminário cujo tema é sugerido por cada grupo que se compunha. Faceiras e interessadíssimas, não só pela novidade de passar uma temporada fora de seus claustros, as Irmãs Contemplativas se mostravam sempre ávidas por saber e aprender, irradiando alegria e simpatia pela vida religiosa apostólica não-conventual. Todas se comprometiam a rezar pela CRB. Para mim, mais afeito à vida ativa, a permanência de alguns dias no PROFOCO retemperava minha dimensão contemplativa, na busca de um justo equilíbrio entre ação e contemplação, como me ensinou Mestre Inácio de Loyola.

Em consonância com a CNBB, ocorreram ainda diversos Cursos sobre Saúde. Os temas e seus respectivos assessores eram selecionados pelo Grupo de Reflexão após uma sondagem entre as Religiosas e os Religiosos que se ocupam desse setor. Assunto nunca lhes faltou, em face ao tratamento que está sendo dado à saúde do povo.

Parte do Encontro das assessorias regionais em cada mês de fevereiro era sempre dedicado a um Curso de Capacitação administrativo-contábil-jurídica para atender com mais profissionalismo aos aspectos organizativos da CRB como instituição. Era necessário, porque as

assessoras encaminhadas para este setor se sentiam despreparadas e inseguras. Por menor que seja o envolvimento empresarial demandado pela Conferência, as operações contábeis, trabalhistas e financeiras devem ser realizadas corretamente.

8ª. Tela: As relações com a Santa Sé, com a CLAR, com os Organismos do Povo de Deus e com as agências de auxílio externo

Durante este período a CRB desempenhou o seu papel de ser um organismo representativo da Vida Religiosa no Brasil junto à Congregação para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, da Santa Sé, em cuja interlocução não ocorreram grandes turbulências nem dificuldades. Os laços mais visíveis com este Dicastério apareciam na presença de um de seus representantes em todas as Assembléias Gerais. Cópias de todas as publicações e relatórios eram encaminhados anualmente mantendo a Congregação informada sobre o que fazíamos. Uma única visita ocasional do Presidente ao Cardeal Prefeito ocorreu em Roma quando foi beatificado Frei Galvão. A acolhida e o tratamento não poderiam ter sido melhores. O Cardeal não mediu palavras para elogiar e mostrar apreço pela Vida Religiosa no Brasil e sua Conferência, demonstrando que a acompanha com interesse e carinho.

Com a CLAR as relações se estreitaram ainda mais desde 1994 quando a Ir. Elza Ribeiro, da Providência de Gap, assumiu a Presidência desse Organismo Latino-

americano. O comparecimento brasileiro não se dava apenas nos eventos formais e estatutários, isto é, nas Assembléias. Vários Religiosos e Religiosas integravam comissões e participavam de promoções da CLAR, tais como, seminários, encontros, cursos, projetos, etc.

Assim como nós comparecíamos e colaborávamos em muitos eventos da CLAR, assim também a CLAR cooperava e prestigiava as realizações da CRB, beneficiando-a especialmente pelas muitas publicações e pelas Linhas Inspiradoras de seu Plano Global. Além da Ir. Elza, compareceram sucessivamente às Assembléias Gerais da CRB, Frei Guido Zegarra e Ir. Carmen Margarita Fagot, acompanhados dos demais membros da Diretoria que presidiam. Com grande simplicidade e simpatia confraternizavam com os brasileiros, construindo pontes e tecendo redes com as demais Conferências da América Latina. Quando os corações e as mentes entram em sintonia, a diferença de línguas deixa de ser problema. Fala a linguagem do amor.

O diálogo com os Organismos do Povo de Deus foi mantido ao longo dos seis anos principalmente nos encontros de seus Presidentes nas reuniões mensais da Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB em Brasília. Em âmbito mais geral, tiveram muita importância as três Assembléias do Povo de Deus organizadas e operacionalizadas em conjunto, irmanando todos os representantes em torno de uma temática eclesial da atualidade. Assim como a CRB convidava aos demais Organismos para os seus eventos, também comparecia aos eventos deles quando convidada.

Muitas atividades a Conferência não poderia ter realizado sem a generosidade e magnanimidade das agências de auxílio do exterior. ADVENIAT e MISERIOR compareceram cada ano com significativas ajudas financeiras para projetos institucionais e sociais. Uma outra agência, que faz questão de permanecer no anonimato, colaborou para a aquisição ou ampliação de 12 sedes próprias para Regionais carentes. A todas elas a CRB agradece de coração e as inscreve na galeria de benfeitores, lembrando-as nas celebrações do seu jubileu.

9ª. Tela: As publicações

Um precioso legado que herdamos das gerações que nos precederam foram as muitas e valiosas publicações. Salta aos olhos o gigantesco trabalho de elaboração do Projeto "Tua Palavra é Vida", que no Brasil teve pleno êxito, graças às boas relações com a CNBB e sua Comissão Episcopal de Doutrina, presidida por Sua Eminência Dom Aloísio Lorscheider. Os sete livros foram lançados ano após ano até completar o 7º. volume da Coleção em 1996. A pedido dos Formadores foi lançado ainda um volume especial seguindo o mesmo formato de "Tua Palavra é Vida" sob o título "A Bíblia na Formação". São excelentes roteiros para meditar sozinho ou em grupo passagens selecionadas da Sagrada Escritura. Sua recepção foi muito boa, porque de grande proveito na formação inicial e permanente. Quem a adotou atesta quão oportuna, necessária e útil é esta publicação.

Digna de menção honrosa é a continuação da Revista Convergência. Sob os

cuidados de coordenação da sábia e competente Ir. Maria Carmelita de Freitas, Doutora em Teologia, assessorada por um atento e dedicado Conselho Editorial, a revista firmou-se cada vez mais, granjeando a confiança e a credibilidade de mais de 4.500 assinantes e veiculando oficiosamente o pensamento da CRB a respeito de múltiplos e variados assuntos de interesse de seus leitores.

Circulando como informativo institucional, o boletim "CRB a Caminho" se constituiu num verdadeiro estafeta percorrendo o país de norte a sul com notícias breves para alimentar o sentido de pertença a um mesmo corpo informado por uma alma e um espírito que vitalizam o parentesco que une a todos.

A riqueza das demais publicações, tanto em forma de livros, quanto de cadernos ou folhetos, denota a pujança e a vitalidade da Conferência no desempenho de sua missão de animar e promover a Vida Religiosa. Valeria a pena organizar uma exposição e maior divulgação durante a comemoração do jubileu.

10ª. Tela: Considerações finais

Neste vôo panorâmico sobre aspectos relevantes da vida da CRB durante o sexênio descrito e comentado, muitos detalhes não puderam figurar. Apesar de pequenos e quase despercebidos, não deixam de ter o seu significado e valor. São os pequenos gestos cotidianos praticados colegiadamente na manutenção e dinamização de uma Instituição como a CRB que preenchem os caminhos a serem percorridos. Só Deus sabe quantos e quantas deram a sua

contribuição, muitas vezes anonimamente, para levar adiante a obra começada há dez lustres.

Não é por nada que toda a Vida Religiosa no Brasil se volta para esta efeméride jubilar para agradecer a Deus os imensos benefícios recebidos e roga aos santos fundadores e às santas fundadoras que intercedam por seus seguidores e suas seguidoras para levarem a bom termo o que com tanto entusiasmo e desvelo iniciaram. No seu tempo talvez nem se pudessem imaginar que um dia existisse um organismo de coordenação que congregasse a todos e validasse as palavras de São Bernardo, a propósito

das várias ordens e congregações religiosas: "Eu admiro-as todas. Pela observância sou membro de uma delas, mas pela caridade pertenço a todas. Todos temos necessidade uns dos outros: o bem espiritual que não tenho nem possuo, recebo-o dos outros..." (VC 52).

Que Deus continue a abençoar a CRB como o fez até agora.

João Roque Provincial da Companhia de Jesus para o Brasil. Presidente da CRB no período 1995-2001.

Endereço do autor:

Avenida L2 Norte / Quadra 601 B (CEP 70830-010)

Caixa Postal, 02.373

70849-970 Brasília - DF

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- Para você e para a sua comunidade é importante essa recomposição da história da CRB, dentro do marco das comemorações do Jubileu? Porque?
- 2- Que impressão você teve diante das "telas" que projetam a história da nossa Conferência no período 1995-2001?
- 3- Numa visão de futuro, que aspectos da vida da CRB você considera que devem ser mais dinamizados e quais devem passar por novas transformações?

**“Que Deus continue a abençoar
a CRB como o fez até agora.”**

A espiritualidade do idoso na Bíblia

FREI JACIR DE FREITAS FARIA, OFM

Introdução

Descobrir o idoso na Bíblia é como uma caixa de surpresa que nos reserva descobertas inusitadas. O que veremos a seguir é uma tentativa de dialogar com os textos bíblicos, procurando descobrir neles o perfil do idoso, a honra e a desonra de ser idoso, as exigências legais em relação ao idoso. Vamos também conhecer o testemunho da literatura alternativa apócrifa, aquela que não entrou na Bíblia, sobre a vida de José, um idoso que acolheu Maria como esposa e morreu na felicidade do dever cumprido. Veremos que o ser idoso pode ser a consequência de uma vida marcada pela presença de Deus. Um caminho de espiritualidade, que terá como troféu a certeza divina: "Eu vos carregarei e vos salvarei" (Is 46, 4).

1- O perfil do idoso na Bíblia

Como a Bíblia apresenta o idoso? Essa é uma boa pergunta para início de conversa! O corpo do idoso, num processo natural da vida, é o que mais ressurte nessa nova fase da vida. Várias doenças e diminuição de poder de ação dos órgãos aparecem, tais como:

a) Cegueira: o idoso patriarca Isaac torna-se um cego e precisa apalpar os filhos para reconhecê-los (Gn 27). Mesmo assim ele foi enganado pela mulher, Rebeca e seu filho Jacó. Já o rei Jeroboão não obteve o mesmo sucesso de Rebeca. Ele mandou sua

mulher disfarçada ao profeta Aias de Silo, o qual já velho e cego, foi avisado por Deus e predisse a desgraça para Jeroboão. A cegueira acompanha os idosos (Ecl 12, 2). Tobiati morreu na cegueira, mas se mostrou fiel a Deus, que o recompensou com a cura (Tb 3,16-17).

b) Surdez: o idoso chega ao fim da vida, segundo a sabedoria bíblica, surdo. "O barulho do moinho diminui" (Ecl 12, 4).

c) Falta de apetite: o alimento perde o sabor para o idoso (Ecl 12, 5).

d) Impotência sexual: o rei Davi, com a idade avançada, já não mais conseguia se aquecer (1Rs 1,1). Uma bela jovem foi trazida para seu serviço e mesmo assim, ele não teve relações sexuais com ela. Sara e Abraão, por mais que quisessem não conseguiam gerar filhos (Gn 18, 11). Assim também acontece com Zacarias e Isabel (Lc 1,18). Em ambos os casos, a intervenção divina possibilitou o nascimento de filhos.

e) Reumatismo: é comum atribuir essa doença aos idosos. A Bíblia também conta que o rei de Judá, Asa, no fim da vida, em idade avançada, sofreu de reumatismo nos pés.

f) Falta de vigor: vários personagens aparecem na Bíblia como exemplos de pessoas sem as forças e vigor necessários para agir, como fazia no

tempo da juventude. Berzelai, o homem rico que acolhera Davi e o sustentara em Maanaim, vê-se limitado pela idade, 80 anos, a seguir o rei na lutas (2Sm 19,32-40). Duas figuras importantes na história do povo de Deus, o sacerdote Eli e o juiz e profeta Samuel, se percebem incapazes de pôr um fim à corrupção praticada pelos seus filhos. Falta-lhes uma ação vigorosa (1Sm 2,22-26; 8,1.5). O livro do Eclesiastes descreve poeticamente o fim da vida de um ser humano. A idade avançada é recordação de um tempo que não volta mais. O idoso exclama: "Não tenho mais prazer!" (Ecl 12,1-7).

g) Dependência: O idoso torna-se, por causa da debilidade corporal, um dependente do favor de outrem (Eclo 8,6). A Bíblia conservou, nos Salmos, a memória das orações de idosos que suplicam o favor de Deus. "Não me rejeites no tempo da velhice, não me abandones quando meu vigor se extingue. Ó Deus, tu me ensinaste desde a minha juventude, e até aqui eu anuncio tuas maravilhas. E agora, velho e de cabelos brancos, não me abandones, ó Deus, até que eu anuncie teu braço às gerações futuras, teu poder e tua justiça, ó Deus, até às nuvens" (Sl 71, 9.18). Moisés, já idoso, reconhece que já não mais pode deslocar-se. Jesus mesmo lembra a Pedro: "Quando eras jovem, tu mesmo amarravas teu cinto e andavas por onde querias; quando, porém fores velho, estenderás as mãos, e outro vai te amarrar e te levará para onde não queres ir" (Jo 21,18).

A idade do idoso na Bíblia aparece em

várias cifras: 80 para Berzelai; 84 para a viúva Ana; 110 para José e Josué; 120 para Moisés; Matusalém é o mais idoso que a Bíblia tem notícia. Ele chegou à idade de 969 anos. Sabemos que essas datas não são nada exatas. O ser humano no mundo antigo não vivia tanto assim. O número é simbólico. Ele significa 'muitos anos' de vida abençoada por Deus e sabedoria. O próprio Salmista diz que a vida chega a 70 anos, somente os mais notáveis é que chegam a 80 (Sl 90,10).

O mistério da vida em nós nos leva à velhice. E isso é inevitável. Inevitáveis também são os limites que a idade avançada nos impõe. Melhor seria aceitá-los e preparar-se para isso. O que não podemos aceitar são as injustiças sociais cometidas contra o idoso. Esse perfil de idoso a Bíblia também denuncia e clama por justiça. Se uma sociedade não é capaz de se preparar para cuidar dos seus idosos, ela merece ser punida e exigida que mude seu perfil.

2- A honra de ser idoso

A Bíblia, sendo a expressão da vida de um povo, não podia deixar de mencionar os sinais de sabedoria presentes na vida de idoso: experiência acumulada, conhecimentos, prudência, temor do Senhor, compreensão. Diz extasiado o autor de Eclo 25, 3-6: "Se não acumulastes na juventude, como queres encontrar tua velhice? Como é belo para os cabelos brancos saber julgar e para os anciãos conhecer o conselho! Como é bela a sabedoria dos anciãos e, nas pessoas honradas, a reflexão e o conselho! A coroa dos anciãos é uma rica experiência; a sua glória, o temor do

Senhor". Os idosos carregam consigo a experiência de vida, a sabedoria acumulada, a memória de fatos maravilhosos que Deus operou na vida de seu povo. "Nossos pais nos contaram, ó Deus, a obra que realizaste em seus dias, nos dias de outrora, com a tua mão", reza o Sl 44. Ser idoso é ser maduro, curtido na vida. Em Israel, os idosos eram os mantenedores da fé do povo. Eles eram considerados os transmissores da Aliança. A eles se devia respeitar.

'Aquele que for justo durante a sua vida crescerá sempre como a palmeira e o cedro do Líbano. Mesmo na velhice dará fruto, será cheio de seiva e verdejante', reza o salmista (Sl 92, 13-16). Os idosos justos poderão até mesmo conceber e dar a luz, assim como foi o caso de Zacarias e Isabel (Lc 1, 5-25.39-79).

Os evangelhos relatam a presença de idosos no templo, louvando e em contínua oração. Os mais notáveis são Simeão e Ana. Eles viram Jesus e se maravilharam com a presença do Messias. Ana, a idosa de 84 anos, falava a todos que esperavam o Messias sobre Jesus (Lc 2, 36-38). Simeão louva a Deus pelo menino e declara que pode agora morrer em paz, pois seus olhos haviam contemplado a salvação (Lc 2,22-32).

O idoso sábio era honrado e admirado por todos, em Israel. Deus mesmo lhe concedia vigor e vitalidade para que o Senhor é reto e justo (Sl 92, 15-16).

O velho Abraão, por sua vida digna, morreu feliz e em paz (Gn 25,8). Morrer para o idoso que durante toda a vida foi justo, segundo a Bíblia, não é um martírio, mas uma recompensa.

3- A desonra de ser idoso não sábio

Se a velhice é louvada na Bíblia como sinal de sabedoria, ela também não deixou de constatar que "velhice honrada não consiste em ter vida longa, nem é merecida pelos números de anos. Os cabelos brancos do homem valem pela sua sabedoria, e a velhice pela sua vida sem manchas" (Sb 4,7-9). Quem não soube acumular sabedoria chegará ao final da vida desonrado. Ninguém vai perder tempo para ouvir suas lorotas. Salomão é um exemplo desse tipo de idoso que se torna um louco, não sábio. Nesse caso, a perda foi lastimável, pois Salomão foi cumulado de sabedoria por Deus na sua juventude e a deixou escapar. Quando o jovem Salomão reinou, a paz reinou em Israel. Ele construiu uma casa para Deus. Sabia decifrar enigmas. Seu nome ficou conhecido entre os povos. Trouxe riqueza para o seu povo. Mas tão logo a velhice chegou, Salomão perdeu a sabedoria. Ou nunca a teve? O livro do Eclesiástico denuncia-o com duras palavras: "Entregaste teu corpo a mulheres, deste-lhes poder sobre teu corpo. Manchaste a tua glória, profanaste a tua raça, a ponto de fazer vir a cólera contra teus filhos e a aflição até à loucura: erigiu-se um duplo poder, surgiu de Efraim um reino rebelde" (Eclo 47,19-21).

Outro exemplo de idosos que não acumularam sabedoria durante a vida é o dos dois anciãos do episódio da bela e devota Susana, esposa de Joaquim, um rico que possuía um belo jardim. Susana costumava passear com o marido nesse local e um dia resolveu tam-

bém tomar banho. Havia dentre o povo dois anciãos que exerciam o papel de juiz. Ambos desejaram o corpo de Susana e tramaram para poder deitar-se com ela. E aconteceu que quando Susana estava sozinha em seu banho no jardim, eles saíram do esconderijo e procuraram convencê-la de se entregar a eles. Susana reagiu com gritos e os seus familiares logo se juntaram. Os anciãos disseram que um jovem estava com ela e que por isso as criadas não estavam por perto. No dia seguinte, Susana foi acusada por eles diante de Joaquim e do povo. E enquanto ela era levada para fora da casa para ser apedrejada até à morte, eis que Deus mandou o espírito de um jovem adolescente, chamado Daniel, para defendê-la. Daniel acusou o povo de julgá-la sem conhecer a verdade. Convocou o povo para voltar ao lugar do julgamento e pediu que os anciãos fossem colocados bem distantes um do outro para serem julgados por ele. À pergunta, em separado, sobre o tipo de árvore onde Susana estava com o jovem, eles se contradisseram. E foram condenados à morte. Susana foi libertada. As palavras de acusação proferidas por Daniel (Deus) contra os anciãos foram duras: "Ó tu que envelheceste no mal! Agora aparecem teus pecados, que cometeste no passado: fazendo julgamentos injustos, condenavas os inocentes e o justo!" (Dn 13).

E como em qualquer sociedade, a presença de homens e mulheres injustos, mesmo sendo idosos, é quase que inevitável, vale o conselho pastoral da Carta

de Tito: "Que os anciãos sejam sóbrios, respeitáveis, sensatos, fortes na fé, no amor e na paciência. As mulheres idosas também devem comportar-se como convêm a pessoas sensatas: não sejam caluniadoras, nem escravas de bebida excessiva; pelo contrário sejam de dar bons conselhos de modo que as recém-casadas aprendam com elas" (Tt 2,2-4).

4- Os pais idosos devem ser honrados

A legislação em Israel defende o idoso. O quinto mandamento do Decálogo é categórico ao afirmar: "Honra teu pai e tua mãe, conforme te ordenou Javé teu Deus, para que os teus dias se prolonguem e tudo corra bem na terra que Javé teu Deus te dá" (Dt 5, 16). O quarto mandamento já havia se referido ao pai, como figura de autoridade sobre os filhos, responsável pela casa e cumpridor do sábado como dia de descanso para todos. Esses dois mandamentos, o de guardar o sábado e honrar pai e mãe, são centrais no decálogo. Quem os cumpre, cumpre todos os mandamentos. Eles são os únicos mandamentos escritos de forma positiva no decálogo e estão ligados a Deus e ao próximo.

Honrar pai e mãe é um mandamento direcionado aos filhos, os quais tem o dever de respeitar os pais. O que isso significa? Esse mandamento pode ser interpretado de três modos¹:

- a) Ele se dirige aos jovens israelitas prescrevendo a submissão à autoridade paterna/materna.
- b) Prescreve aos adultos a reverência que

¹ Cf. R. Albertz, Hintergrund und Bedeutung des Elterngabots im Dekalog, ZAW n. 90, p. 348-374, 1978.

esses devem ter com os pais, transmissores da aliança.

- c) Ele se dirige aos filhos adultos, prescrevendo a assistência financeira que esses devem dispensar aos pais idosos, quando incapazes de se manterem.

Mesmo que tomemos uma ou outra dessas três interpretações possíveis desse mandamento, a simbologia que carrega a afirmação "honrar pai e mãe" é, por deveras, abundante. Agir conforme esses três modos é uma exigência que se impõe ainda hoje. A Palavra de Deus é eterna. Honrar pai e mãe tem a ver com a obediência. O código deuteronômico previa que o filho rebelde deveria morrer apedrejado (Dt 21, 18-21). Os pais deviam educar os filhos na Torá (Dt 6, 20). Respeitar os pais significava respeitar a Lei e, por conseguinte, a Deus. Os pais transmitem a vida e a bênção para os filhos. Através dos pais, cada israelita se torna filho de Abraão. Prover o sustento dos pais na velhice significa agir como Deus que sempre tem cuidado para com os pobres e necessitados. O idoso, depois de uma vida de dedicação aos filhos, merece respeito e assistência financeira dos filhos. Assim como o filho que um dia foi pobre e necessitado de um colo materno e paterno para sobreviver, agora o idoso merece respeito e dignidade. Os pais e mães idosos voltam a ser crianças necessitadas, como foram os seus filhos. Os idosos, segundo a mais tenra tradição legal de Israel, merecem a honra e o respeito dos seus e da sociedade civil. "Não despreze um homem em sua velhice, porque muitos de nós envelhecemos", ensina Eclo 8,6. E o código da

Santidade é mais categórico: "Levantar-te-ás diante de uma pessoa de cabelos brancos e honre o ancião: tema seu Deus. Eu sou o Senhor" (Lv 19,32). Promover e respeitar a vida dos pais idosos é fazer justiça, é agir como Deus, que agiu com justiça para com os israelitas ao libertá-los da escravidão do Egito. Assim, a vida como dom e oferta pode continuar no ciclo da existência humana que não pára com a morte.

Também os livros sapienciais bíblicos insistem em defender os idosos. O livro do Eclesiástico, no capítulo 3, por exemplo, enumera as vantagens de honrar pai e mãe, do seguinte modo:

- será atendido na oração cotidiana,
- ajuntará tesouros,
- terá a alegria em seus próprios filhos,
- terá vida longa,
- será um abençoado,
- será lembrado no dia da aflição,
- será perdoado os seus pecados.

A sabedoria de Eclesiástico é confirmada nos conselhos dados aos filhos: "Filho, cuida de teu pai na velhice, não o desgostes em vida. Mesmo que esteja perdendo a lucidez, não o menospreze, tu que estás em pleno vigor" (Eclo 3,12-13).

5- O exemplo do velho e sábio José, que morreu feliz ao lado de sua esposa, Maria e de seu filho, Jesus.

São José, o esposo querido de Maria, é lembrado com carinho na devoção popular como um homem bom, idoso e pai adotivo de Jesus. Poucas vezes ele é citado na Bíblia. A literatura alternativa apócrifa, isto é, os livros que não entraram na Bíblia, conservou-nos a sua

memória de modo muito carinhoso. No evangelho História de José, o carpinteiro, lê-se a narrativa: "tendo reunido os seus apóstolos, no monte das Oliveiras, Jesus contou-lhes a vida de seu pai José, o bendito ancião carpinteiro".

José nasceu na cidade de Belém, cidade da Judéia e terra natal do rei Davi. Era carpinteiro e vivia do trabalho de suas mãos. Com 40 anos de idade casou-se uma mulher que lhe dera seis filhos, quatro homens e duas mulheres. Os homens se chamavam Judas, Josetos, Tiago e Simão; as mulheres, Lísia e Lídia. Com a sua esposa, José viveu 49 anos de matrimônio. Quando essa faleceu, Tiago era ainda uma criança muito pequena. José ficou viúvo durante um ano. Seus dois filhos maiores, Josetos e Simão, contraíram matrimônio e foram viver em suas casas. Casaram-se, do mesmo modo, suas duas filhas.

A sabedoria de José era reconhecida por todos. José era um homem justo e louvava a Deus em todos os seus atos. Por isso foi escolhido pelos sacerdotes do templo para receber Maria em sua casa. José tinha 89 anos quando se casou com Maria. O tempo entre namoro, noivado e casamento durou três anos. Nesse ínterim, Maria ficou grávida do Espírito Santo. José, depois de muita angustia e sofrimento, compreendeu os mistérios de Deus e, por isso, casou-se com ela. Houve uma grande festa no dia de seu casamento em Belém. Quando Jesus estava para nascer, José teve que cumprir o mandato de recenseamento decretado pelo Imperador Augusto. Em Belém, José apresentou seu nome ao escrivão, bem como o de Maria, sua es-

posa e o de Jesus que estava para nascer. Quando Jesus nasceu, José tinha 93 anos de idade. Logo após o nascimento de Jesus, José teve que fugir para o Egito com Maria, Jesus e a parteira Salomé. No Egito, José permaneceu por um ano, até a morte de Herodes, o Grande. Quando voltou para Israel, passou a viver em Nazaré, na Galiléia. Ali, José continuou a exercer a profissão de carpinteiro para sustentar a família.

Quando José completara 111 anos, seu corpo já debilitado, veio um anjo anunciar-lhe que sua morte se daria naquele ano. O espírito de José ficou apreensivo. Foi a Jerusalém, entrou no templo, se ajoelhou e rezou pedindo a Deus que o seu anjo estivesse com ele no momento em que a alma deveria sair do corpo e voltar para Deus. Que essa separação fosse feita sem dor. Que ele e a sua viagem fossem tranqüilos. Que a sua alma não fosse retida pelo porteiro do inferno.

Quando José voltou de Jerusalém, foi acarretado de uma doença que o levaria à morte. Ele perdeu a vontade de comer e beber. Sentiu vacilar a habilidade no desempenho de seu ofício. Em Nazaré, suas lamentações continuaram. Como o profeta Jeremias e Jó, José se lamentou do dia em foi gerado, do seio que o amamentou, da sua língua, pés, mãos, estômago e corpo. E quando José estava proferindo essas palavras, Jesus entrou no seu quarto e disse-lhe: "Salve, José, meu querido pai, ancião bondoso e bendito!" José respondeu a Jesus enaltecendo-o na sua bondade. Contou como foi a sua vinda ao mundo, como custou para acreditar no seu nascimento virginal. Lembrou-lhe também

do dia em teve que puxar a orelhas de Jesus, como repreensão. José pediu perdão a Jesus e professou a fé em Jesus como filho de Deus e de homem.

Jesus, ao ouvir os lamentos de José, não se conteve e chorou. Ele chegou a pensar na morte de cruz que estava reservada para ele. Jesus chamou Maria, sua mãe. E ela entrou no quarto de José e se colocou a seus pés. José suplicava que eles dois não o abandonassem. José tocou o seu peito e a febre o abandonou. Maria, ao tocar os pés de José, percebeu que ele estava para morrer. Chamou os outros filhos para conversar pela última vez com ele. Lísia lembrou-lhes que a enfermidade de José era a mesma que provocou a morte de sua mãe. Todos os filhos de José prorromperam em lágrimas.

Naquele momento, Satanás e sua corte vieram em direção a José em busca de sua alma. Jesus, e somente ele, vendo-os, os expulsou daquele lugar. Eles se puseram em fuga, envergonhados e confusos. Jesus, então rezou a Deus pedindo que enviasse um coro de anjos juntamente com os anjos Miguel e Gabriel para acompanhar a alma de José até o paraíso. Jesus também pediu a Deus misericórdia para o seu pai.

Quando José deu o último suspiro, Jesus o beijou. Os anjos tomaram o seu corpo e o envolveram em lençóis de seda. Jesus fechou os olhos e a boca de José. Depois disse a sua mãe: - "Ó Maria, minha mãe, onde estão os trabalhos de artesanato que ele fez desde sua infância até agora? Todos eles acabaram neste momento, como se ele nunca tivesse sequer vindo a este mundo."

Quando os filhos de José ouviram Jesus dizer isso a Maria, perguntaram: - "Então nosso pai morreu, sem que nós o percebêssemos?" Jesus lhes respondeu: - "Sim, na verdade está morto; mas sua morte não é morte e sim, vida eterna". E quando Jesus disse a seus irmãos que José tinha morrido, esses se levantaram, rasgaram suas vestes e choraram por longo tempo.

Quando os habitantes de Nazaré e toda a Galiléia tiveram notícia da morte de José, acorreram todos em massa à casa de José. Aí ficaram velando o corpo até as três horas da tarde. Nessa hora, Jesus despediu a todos, derramou água sobre o corpo de José, ungiu-o com bálsamo, rezou por José a Deus a oração que ele mesmo tinha escrito antes de encarnar-se no seio de Maria. Quando Jesus disse 'Amém' veio uma multidão de anjos. Jesus ordenou a dois deles que estendessem um manto para nele depositar o corpo de José e amortalhá-lo. Colocou depois as mãos sobre o corpo e disse:

- "Que o odor fétido da morte não se apodere de ti. Teus ouvidos não sofram corrupção. Não emane podridão de teu corpo. Que a terra não destrua tua mortalha nem tua carne, mas permaneçam intactas e aderentes a teu corpo até o dia dos mil anos. Não envelheçam, ô querido pai, estes cabelos que tantas vezes acariciei com minhas mãos. E a felicidade esteja contigo. Aquele que tiver o cuidado de levar uma oferenda a teu santuário no dia de tua comemoração, isto é, no dia 26 de Epep, eu o abençoarei com a riqueza de dons celestes. Do mesmo modo, a todo aquele

que em teu nome der pão a um pobre, não permitirei que ele seja angustiado pela necessidade de qualquer bem deste mundo durante todos os dias de sua vida. Eu te concederei que possas convidar para o banquete dos mil anos a todos aqueles que, no dia de tua comemoração, entregarem um copo de vinho na mão de um forasteiro, de uma viúva ou de um órfão. Dar-te-ei como recompensa, enquanto viverem neste mundo, todos os que se dedicarem a escrever livro de tua vida e a conservar todas as palavras que hoje saíram de minha boca. E quando abandonarem este mundo, farei que desapareça o livro em que estão escritos seus pecados e que sofram tormento algum, a não ser a morte, que é inevitável, e o rio de fogo que está diante de meu Pai, para purificar todas as almas. No caso de um pobre que nada possa fazer do que foi dito, mas der o nome de José a um de seus filhos em tua honra, farei com que naquela casa não entre a fome nem a peste, pois, na verdade, teu nome ali habita". Depois da oração de Jesus, chegaram os anciãos da cidade e os coveiros para preparar o corpo de José para o enterro. Encontraram o corpo já amortalhado e perfumado pelos anjos. Eles levaram, então, José até o túmulo. Aí Jesus não se conteve e chorou longamente sobre o corpo de Jesus.

Tudo isso aconteceu numa manhã de domingo, no dia 26 do mês de Abib. José morreu com 111 anos. Jesus terminou a história de José, seu pai, dizendo o seguinte: "Entreguei a Miguel e Gabriel a alma de meu querido pai José, para que a guardassem dos salte-

adores que infestam os caminhos e encarreguei os anjos incorpóreos de cantar louvores contínuos, até que a transportassem ao céu, junto de meu Pai".

6- Conclusão: vale a pena ser idoso com Deus

1. A Bíblia apresenta o perfil do idoso de modo realista e esperançoso. A vida como ela é nos reserva mudanças contínuas. No jogo da vida não há quem escape de suas fases. Nascemos, crescemos e envelhecemos. O nascimento é já uma morte, um envelhecimento. Morre-se para o útero da mãe, e se renasce para a vida. O útero torna-se um passado. Já envelhecemos. A vida passa, as células devolvem e começa a morrer. Uns nem chegam à velhice. São tragados pela morte prematura. Assim é a vida. Pura realidade! Mas há também a esperança. A vida nos ensina que é preciso ter esperança. Sem paixão, não há quem saiba viver. O idoso que soube bem viver, será feliz! Assim a Bíblia nos recorda os idosos justos e sábios. Eles encontraram a felicidade e permanecerão eternos nos seus que ficam até encontrarem também a inevitável vida idosa.
2. A Bíblia chama a atenção que em relação ao idoso, todos nós temos o desafio de agir com justiça. Eles se tornam os pobres, os indefesos que merecem o nosso cuidado material e espiritual. Noites de sono mal dormidas não são nada, se recordamos as noites que eles também passaram em claro para garantir a nossa vida. Quando éramos pequenos, eles não nos abandonaram. Por que teremos

abandoná-los agora? Infeliz de quem agir assim! Ele não estará cumprindo o sagrado mandamento: "Honre seu pai e sua mãe". Infeliz da sociedade que não cuidar de seus idosos com justiça! E como dá dó ver um idoso catando latinha para sobreviver. Corta-nos o coração. Deus não quer isso. Até quando isso continuará sendo realidade em nosso país?

3. A vida de um idoso para um inverno sem perspectivas de primavera. Pode parecer trágica a afirmação, no entanto, essa é uma realidade que pode mudar. Por isso, para que o inverno da vida idosa seja vivido com intensidade, urge saber viver as primaveras que lhe antecedem. Mesmo que uma nova primavera não venha, pois as etapas da vida já se passaram, o idoso será feliz se souber aceitar os seus limites. Limites que um sábio idoso saberá compreender como vida. Ele compreenderá que nem tudo na sua vida foi vaidade. Foi um caminho para Deus. A marcha da sua vida foi bem-aventurada. E a volta ao pó da terra, de onde ele veio, será um eterno repouso, onde tempo repousa na eternidade do tempo, no sopro da vida em Deus. Vida eterna que não tem volta, porque já partiu para não mais voltar, porque soube partir com sabedoria. Isso é ressurreição. Feliz de quem a encontra, porque nela creu e viveu como se ela já existisse.

Isso é sabedoria de vida!

4. Idosos, tenham a certeza: Deus caminha com vocês! Assim como Deus carregou o seu povo desde o berço, ele não nos abandonará nunca. São eternas as promessas de Deus, registradas na profecia de Isaías: "Até à velhice de vocês eu serei o mesmo, até que se cubram de cabelos brancos eu continuarei a carregá-los. Já fiz isso e continuarei a fazê-lo: eu os carregarei e os salvarei" (Is 46, 4).

Jacir de Freitas Faria é frade e padre franciscano. Fez seus estudos de mestrado em Exegese bíblica no Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Complementou seus estudos no México e Jerusalém. Publica regularmente em revistas e jornais. Seu último livro versa sobre os evangelhos apócrifos e leva o título de *As origens apócrifas do cristianismo: comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé*, São Paulo: Paulinas, 2003. Jacir é também organizador e co-autor de *História de Israel e as pesquisas mais recentes*, Petrópolis: Vozes, 2003. Atualmente vive em Belo Horizonte, onde trabalha como professor de Exegese bíblica e Hermenêutica de textos antigos, nos cursos de Teologia e Ciências da Religião do Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). Dedicar parte do seu tempo à leitura popular da Bíblia no Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), na Comissão Pastoral da Terra (CPT/MG), no Serviço de Animação Bíblica (SAB) e em Cursos de Teologia Pastoral para leigos das Dioceses de Divinópolis e Belo Horizonte. É membro, pela CNBB, da Comissão Teológica do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC).

Endereço do autor:

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM
Rua dos Contadores, 269 Bairro Alípio de Melo
30 840-010 - Belo Horizonte -MG
Site: www.bibliaepocrifos.uaivip.com.br
E-mail: bibliaepocrifos@uaivip.com.br

**QUESTÕES PARA
AJUDAR A LEITURA
INDIVIDUAL OU
O DEBATE EM
COMUNIDADE**

- 1- No seu entender, quais são as principais características do perfil do idoso na Bíblia que devem ser objeto de maior consideração na nossa sociedade?
- 2- A partir do dado bíblico, como entender hoje a "honra" e a "desonra" de ser idoso?
- 3- Que pode ser feito para que a Campanha da Fraternidade de 2003 continue mobilizando a sociedade em defesa da dignidade do idoso?

Índice Alfabético por Autor – Convergência, Ano de 2003

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 2003.

O primeiro algarismo representa o número da revista. O segundo indica a página.

ANJOS, Márcio Fabri dos, C.Ss.R – Novas Gerações: juventude e vida religiosa	359/30
ARAÚJO, Jurandyr Azevedo, SDB – Experiência Significativa: Salesianos (SDB), Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) e Leigos(as) Negros(as) na Inspeção São João Bosco (ISJB) – Brasil	366/502
BARREIRO, Álvaro, SJ – Três dimensões constitutivas da vida consagrada, à luz do relato da aparição do Ressuscitado aos discípulos em Jo 21,1-14	363/309
BINGEMER, Maria Clara Lucchetti – As Águas Batismais e a Vocação do Cristão Leigo	366/459
BOLZAN, Maris, SDS – CRB, 50 anos a caminho. Testemunho, Profecia e Esperança	364/334
BUCKER, Bárbara, MC – Vida Religiosa e Sociedade: dois interlocutores a caminho de um futuro humano?	367/551
COMBLIN, José – A velhice e a espera do Reino de Deus	363/284
FALCHETTO, Claudino, FMS – Flashes de um período	367/558
FARIA, Jacir de Freitas, OFM – A espiritualidade do idoso na Bíblia	368/628
FARIA, Jacir de Freitas, OFM – Espiritualidade das águas na Bíblia	361/150
FLAHERTY, Kevin, SJ – A transparência na formação	360/88
FONSECA, Joaquim, OFM – Apontamentos a partir da Sacrosanctum Concilium 40 anos depois	367/567
FRITZEN, Ivoni – O caminho do discipulado – A boa notícia na memória da mulher	361/177
GHISLENI, M. Augusta, FSCJ – Se todas as mulheres do mundo	360/123
IGLESIAS, Inácio, SJ – Obediência responsável ou responsabilidade obediente? ...	362/232
JUNIOR, Francisco de Aquino – “Opção” pelos pobres – Realidade central da vida religiosa	361/162
KLEINHANS, Miguel, OFM – Espiritualidade e diálogo. Uma reflexão sobre o princípio dialogal de Martin Buber	365/412
LEERS, Bernardino, OFM – Envelhecer, uma arte de bem-viver	364/364

LESTIENNE, Bernardo, SJ - Fome no mundo	366/477
LIBANIO, J. B., SJ - A identidade da vida consagrada e o contexto atual	367/526
LIBANIO, J. B., SJ - A nova conjuntura política e a vida religiosa	359/16
LORSCHIEDER, Aloísio Cardeal, Arcebispo de Aparecida / SP - O Batismo, fonte de todas as vocações	361/140
MATOS, Frater Henrique - CRB: Jubileu de Ouro - 1954-2004 - Elementos para sua história	366/486
MORRA, Maria Helena, RSCM - Sociedade e vida religiosa: desafios do trabalho	364/377
MOSER, Antônio, OFM - Fica conosco, Senhor, pois o sol já declina. Reflexões sobre a terceira idade	365/421
NEUTZLING, Inácio, SJ - Área de Livre Comércio das Américas. Um desafio à soberania dos países latino-americanos	360/112
NEVES, Cleusa Aparecida, CFA - Algumas reflexões sobre a Vida Religiosa	365/430
OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil	363/271
PALÁCIO, Carlos, SJ - Pessupostos teológicos para 'contemplar' a vida de Jesus	368/590
PALMÊS, Carlos, SJ - A Vida Religiosa: Elementos para a pastoral vocacional	365/443
PEREIRA, William César Castilho - Análise institucional e Vida Religiosa	362/203
PINHEIRO, José Ernane - III Fórum Social Mundial (FSM)	361/183
PRETTO, Hermilo E., CS - Concentração de poder na sociedade e Vida Religiosa	362/242
PUERTO, Mercedes Navarro, MC - Maria e a vida religiosa na perspectiva da antropologia cultural e a psicologia	363/291
RECH, Helena Teresinha, STS - Espiritualidade - um caminho para a integração	365/399
ROHR, João Roque, SJ - Recordar é reviver	368/615
ROY, Ana - A vocação na Bíblia ou a Bíblia na vocação?	362/250
ROY, Ana - De Medellín até nossos dias, uma espiritualidade em evolução na Vida Religiosa Consagrada	367/546
SAMPAIO, Neiva Lobato, EMA - O Batismo como fonte do dinamismo missionário da Igreja	364/350

SILVA, José Augusto da – Ética e evangelização em páscoa!	359/45
STADELMANN, Luís, SJ – Os messianismos na Bíblia	368/603
STADELMANN, Luís, SJ – Poema sobre velhice (Ecl 12,1-7)	360/78
VARONA, Mariano G., FMS – Novas vocações, pra quê? Para novas vocações, Vida Religiosa refundada	364/339

CRB (Informe)

■ Confederação Latino-americana de Religiosas e Religiosos XXXV Junta Diretiva.	359/14
■ III Fórum Social Mundial	360/75
■ CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil. 20 anos vivendo a unidade e caminhando na esperança	361/136
■ Encontro de capacitação para as Assessoras Regionais da CRB	362/201
■ 1. Palavras da Presidente da CRB na 41ª Assembléia da CNBB	363/266
2. Mensagem da CNBB para o 1º de maio de 2003	363/269
■ 1. XV Assembléia Geral da CLAR. Mensagem Final	364/328
2. Despedida	364/331
■ 1. Pastoral Afro-Brasileira da CNBB. III Congresso Nacional de Entidades Negras Católicas (III CONENC)	365/391
2. Missão da Igreja do Brasil na Amazônia	365/393
3. Assembléia da CLAR	365/396
■ Convocatória para o Segundo Congresso Americano Missionário	366/457
■ 1. PERMI – Programa de espiritualidade e Revigoramento Missionário	367/519
2. Missão da Igreja na Amazônia	367/523
■ 1. V Encontro de Missionárias/os Brasileiras/os na Bolívia	368/584
2. 25 anos de Pontificado do Papa João Paulo II – João Paulo II e a Vida Consagrada	368/587

EDITORIAL (Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI)

É hora de mudar	359/1
Vida, dignidade e esperança	360/65
O risco de seguir Jesus	361/129

A inadiável urgência da paz	362/193
"Pacem in Terris": Quarenta anos	363/257
"Compromisso-Profecia-Esperança"	364/321
Experiência de Deus nas contradições da história	365/385
"O Senhor me abriu o ouvido" (Is 50,4)	366/449
O olhar contemplativo sobre a história	367/513
O dom do Natal	368/577

JOÃO PAULO II

Pacem in terris: um compromisso permanente. Da mensagem do Papa João Paulo II para a celebração do Dia Mundial da Paz	359/5
Discurso da Papa João Paulo II ao corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé durante a apresentação dos bons votos para o Ano Novo	360/69
Mensagem do Papa João Paulo II para a Quaresma 2003	361/133
Mensagem do Papa João Paulo II para o XL Dia Mundial de Orações pelas Vocações. Tema: a Vocação ao Serviço	362/197
Mensagem do Santo Padre para a celebração do 37º Dia Mundial das Comunicações Súcias. Tema: Os meios de comunicação social a serviço da paz autêntica, à luz da "Pacem in Terris"	363/262
Mensagem do Santo Padre João Paulo II para o 89º Dia Mundial dos migrantes e refugiados 2003. Por um empenho para vencer o racismo, a xenofobia e o nacionalismo exagerado	364/325
O quadragésimo aniversário da morte do Beato João XXIII	365/389
Mensagem do Santo Padre João Paulo II para o Dia Missionário Mundial 2003	366/453
Com seu rosto sorridente e olhar confiante conquistou fiéis de todo o mundo	367/517
Homilia do Papa João Paulo II durante o solene rito de beatificação de Madre Teresa no Dia Missionário Mundial	368/581



CRB

Marcos Indicadores

Impresso
Especial

050200140-2/2002 - DR/

CRB

...CORREIOS...

Há uma esperança para o teu futuro!

Há setas indicando o caminho... *Jr 31, 17.21*

por isso, finca bem as estacas, desdobra a lona,

estica as cordas, amplia o espaço... *Is 54, 2*

Neste horizonte de esperança, a CRB se compromete a animar e assessorar o processo de refundação da Vida Religiosa, sinalizando o caminho através desses marcos:

1. Espiritualidade integradora como experiência de itinerância, vivida na dinâmica pascal.
2. Opção preferencial, audaciosa e atualizada, pelos empobrecidos e excluídos.
3. Comunidade, antídoto contra o individualismo, espaço de irmandade, crescimento, discipulado, solidariedade.
4. Formação para ser presença profética na realidade, comprometer-se e deixar-se evangelizar.
5. Abertura às interpelações das novas gerações em sua diversidade cultural.
6. Novas relações de gênero e etnia tecidas no respeito e valorização do diferente.
7. Intercongregacionalidade, trabalho em rede e parcerias com leigos e diversos organismos em vista da solidariedade.
8. Análise institucional a partir do carisma e em vista da pessoa e da missão.
9. Apoio a novas formas de consagração e de pertença aos carismas.
10. Dinamização e operacionalização do Projeto da CLAR "Pelo Caminho de Emaús".
11. Resposta generosa e presença inculturada na missão além-fronteira.

A nós, irmãs e irmãos de todo o Brasil, cabe a responsabilidade de transformar em vida profética e missionária o que o Espírito nos propõe neste momento. Nesta esperança, sob a proteção de Nossa Senhora Aparecida, avançamos para o futuro.

(Texto final aprovado pela XIX Assembléia Geral Ordinária da CRB, celebrada em São Paulo, de 09 a 13 de julho de 2001.)
